



# ProEJA

**ESCOLA NA VIDA ADULTA**  
**ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS**

---

Erismar Nunes de Oliveira  
Maria Lúcia Tinoco Pacheco

## PROEJA - ESCOLA NA VIDA ADULTA - ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Apoio:

Dados Institucionais

Instituto Federal De Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação

Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico

Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico

Autora: Erismar Nunes de Oliveira

Curriculo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/8811549531585777>

<https://orcid.org/0000-0002-0330-4152>

Co-autora e Orientação

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Lúcia Tinoco Pacheco

Curriculo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0938462047218130>

Projeto Gráfico e finalização

Michelle Costa de Lima

E-mail: [michellecdelima@gmail.com](mailto:michellecdelima@gmail.com)

Revisora

Naiva Batista Ferreira

Vetores

<https://br.freepik.com>



### BIBLIOTECA CAMPUS MANAUS CENTRO

O48p Oliveira, Erismar Nunes de.

PROEJA – escola na vida adulta: orientações pedagógicas. / Erismar Nunes de Oliveira, Maria Lúcia Tinoco Pacheco. – Manaus, 2021. 127 p. : il. color.

Produto Educacional proveniente da Dissertação – Fazer-se docente no cotidiano da sala de aula do PROEJA-CMC: um olhar sobre o processo formativo do professor. (Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, 2021. ISBN 978-65-88247-26-6

1. Ensino tecnológico. 2. Formação de professor. 3. PROEJA. I. Pacheco, Maria Lúcia Tinoco. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 371.33



# ProEJA

**ESCOLA NA VIDA ADULTA  
ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS**

---

Erismar Nunes de Oliveira  
Maria Lúcia Tinoco Pacheco

## FICHA TÉCNICA DO PRODUTO

**Título: Origem do Produto:** Trabalho de Dissertação intitulado: **Fazer-se docente no cotidiano da sala de aula do proeja-CMC: um olhar sobre o processo formativo do professor**, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico (PPGET) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

**Nível de Ensino a que se destina o produto:** Formação inicial e continuada de professores.

**Área do Conhecimento:** Ensino

**Público-alvo:** Professores Formadores

**Categoria deste Produto:** Atividade de Extensão (CAPES, 2013)

**Finalidade:** A partir de uma base epistêmico-pedagógica, o presente material nasceu com o propósito de auxiliar professores em processo de formação continuada e/ou serviço.

**Registro do Produto:** Biblioteca Professor Paulo Sarmiento do IFAM, Campus Manaus Centro.

**Avaliação do Produto:**

**Disponibilidade:** Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

**Divulgação:** Impressa e digital

**Idioma:** Português

**Cidade:** Manaus

**País:** Brasil

**Ano:** 2020



# ProEJA

## ESCOLA NA VIDA ADULTA ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

---

Erismar Nunes de Oliveira  
Maria Lúcia Tinoco Pacheco

*“Ser professor do PROEJA é muito bom, porque é a melhor turma que eu tenho, é indiscutível. Os alunos já têm vida profissional o que me induz aprender à medida que ensino. Quando eles vêm à escola é para associar seus conhecimentos práticos com os conhecimentos teóricos da escola. Assim ganham elementos para aperfeiçoar o que já sabem fazer.”*

*Professor Vagner*



# AGRADECIMENTOS

O tempo nos ensina que a vida é curta. Que, em um minuto, tudo o que somos e conhecemos pode mudar drasticamente. Que, em fração de horas nosso corpo se modifica em abraço com a velhice, mas uma coisa é certa: a experiência experimentada traz um sabor alegre que contribui com os outros. Esses outros para mim é a família. Meu pai, Titia (minha 2ª mãe); Naldo, Neide, Nete, Neudinha, Edilson e Lucilene, irmãos que estão em mim, e eu que estou neles; Olívia minha cunhada; Raíssa e Rodrigo filhos que não os tive, mas que são meus também; Isabelly, o meu “eu” melhorada. Não importa, cada um da minha família é especial. Todos fizeram/fazem parte da construção do meu “eu” e são fundamentais na minha jornada da vida. Sem eles, a vida não teria graça, os dias seriam cinzentos e eu, com certeza, teria um coração vazio e uma mente sem lembranças para contar. Meus agradecimentos a todos eles. Obrigada por me apoiarem na minha busca.

*“O mundo  
encurta, o  
tempo se dilui.  
O ontem vira  
agora;  
o amanhã já  
está feito. Tudo  
muito rápido.”*

*Paulo Freire*

# DA PESQUISA AO CADERNO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

O mestrado profissional trouxe à tona uma visão nunca alcançada por mim até então. A inserção na cultura acadêmica voltada à pesquisa e à interação com colegas e professores, na sala de aula, somada às leituras de textos teóricos não só ampliaram a minha concepção de educação, como também remeteu a mim reflexões sobre as minhas práticas. Mas, sobretudo, aguçou o meu olhar sobre as realidades em volta da formação docente. Isso, sem sombra de dúvida representou um grande salto profissional e pessoal que deve ser

ampliado com estudos futuros. Pois sempre é pouco o que sabemos diante da necessidade de sabermos mais.

Este caderno de orientações pedagógicas é um resultado tangível de mais de dois anos de estudos na linha de formação de professores. A dissertação que gerou esse produto é intitulada *“Fazer-se docente no cotidiano da sala de aula do proeja-CMC: um olhar sobre o processo formativo do professor*, construída a partir de uma abordagem de estudo de caso do tipo etnográfico, tendo

a história de vida dos professores partícipes como técnica para gerar dados.

O objetivo desse caderno é subsidiar o docente, em especial aquele que atua na EJA em sua relação com a educação profissional, a partir das orientações construídas nos diálogos com os teóricos e nos resultados da pesquisa. Resultados estes que apontaram para a necessidade de se conceber uma produção autoexplicativa que auxiliasse o professor em sua atuação em sala de aula.

*Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei.*

Clarice Lispector

# FROM RESEARCH TO PEDAGOGICAL GUIDELINES

The professional master's brought up a vision never achieved by me until then. The insertion in the academic culture focused on research and interaction with colleagues and teachers, in the classroom, added to the readings of theoretical texts, not only broadened my conception of education, but also sent me reflections on my practices. But, above all, it sharpened my view of the realities surrounding teacher training. This, without a doubt, represented a great professional

and personal leap that should be expanded with future studies. Because there is always little we know about the need to know more.

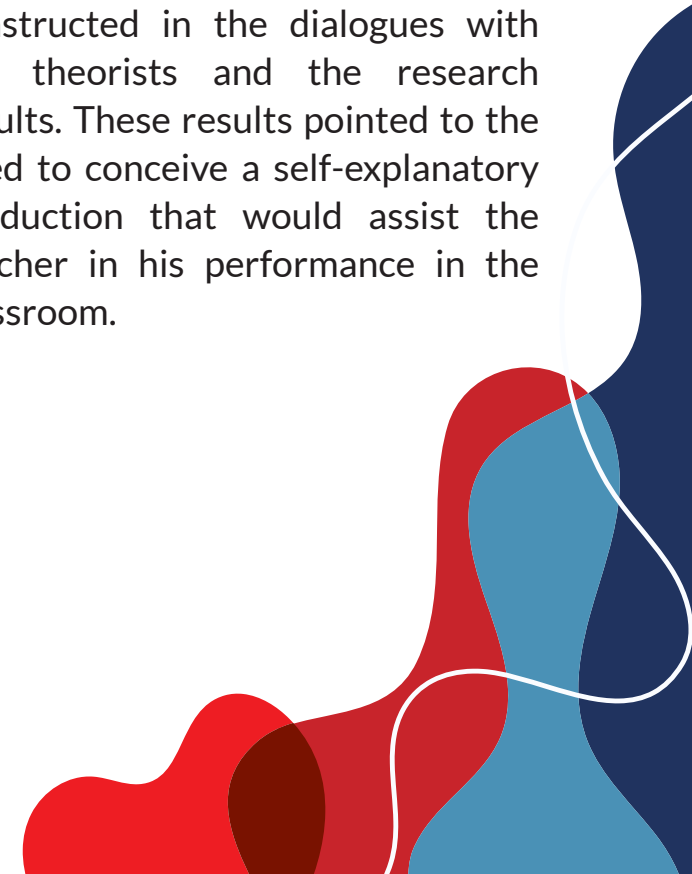
This booklet of pedagogical guidelines is a tangible result of more than two years of studies in the line of teacher training. The dissertation that generated this product is entitled "Becoming a teacher in the daily life of the proeja-CMC classroom: a look at the teacher's training process", built from an ethnographic case study approach, having the life history of

participating teachers as a technique for generating data.

The purpose of this notebook is to subsidize the teacher, in particular, those who work at EJA in their relationship with professional education based on the guidelines constructed in the dialogues with the theorists and the research results. These results pointed to the need to conceive a self-explanatory production that would assist the teacher in his performance in the classroom.

*I know very little. But I have everything  
I don't know in my favor.*

Clarice Lispector



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO \_\_\_\_\_ 14

EIXOS TEMÁTICOS \_\_\_\_\_ 17

## EIXO TEMÁTICO 1

**EDUCAÇÃO É UM DIREITO,  
NÃO UM FAVOR! \_\_\_\_\_ 19**

O pão do direito à educação \_\_\_\_\_ 20

Direito à educação de adultos \_\_\_\_\_ 22

A escola dos meus sonhos \_\_\_\_\_ 26

Você sabe o que é a EJA? \_\_\_\_\_ 28

Contextualizando a EJA \_\_\_\_\_ 29

E o PROEJA, você sabe o que é? \_\_\_\_\_ 30

EJA e PROEJA, unificados o que oferecem? \_\_\_\_\_ 31

EJA e PROEJA encontro e possibilidades \_\_\_\_\_ 32

Quem é essa juventude? \_\_\_\_\_ 34

Caraterísticas do público do ProEJA \_\_\_\_\_ 35

Leitura complementar e Saiba mais \_\_\_\_\_ 36

Para Refletir \_\_\_\_\_ 37

## EIXO TEMÁTICO 2

**PENSANDO COMO ENSINAR \_\_\_\_\_ 39**

O cotidiano no PROEJA: Como ensinar? \_\_\_\_\_ 40

Especificidade do trabalho docente: Conhecer é necessário \_\_\_\_\_ 42

Saberes necessários à formação docente \_\_\_\_\_ 44

O que o professor precisa levar em consideração ao trabalhar com os alunos do ProEJA? \_\_\_\_\_ 46

Afeto aliado ao ensino \_\_\_\_\_ 48

Conteúdos \_\_\_\_\_ 50

Você sabe o que é o método dialógico? \_\_\_\_\_ 51

A pedagogia crítica - Paulo Freire \_\_\_\_\_ 52

E andragogia, você sabe o que é? \_\_\_\_\_ 53

Aprendizagem autodiretiva - Malcolm Knowles \_\_\_\_\_ 56

Método andragógico - A. Krajn (1993) \_\_\_\_\_ 57

Leitura complementar/Saiba mais \_\_\_\_\_ 58

Para Refletir \_\_\_\_\_ 59

### **EIXO TEMÁTICO 3**

#### **EDUCAÇÃO E O MUNDO DO TRABALHO | 61**

Cidadão – Zé Ramalho _____	62
A educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho _____	63
O trabalho _____	65
O mundo do Trabalho _____	66
Leitura Complementar _____	67
O valor da transformação _____	68
Para Refletir _____	71

### **EIXO TEMÁTICO 4**

#### **SABERES NECESSÁRIOS**

#### **À PRÁTICA EDUCATIVA \_\_\_\_\_ 73**

Saberes necessários à prática educativa _____	74
Reflexões pedagógicas freirianas _____	76
Saiba mais _____	77/80
O papel do aluno _____	82
O papel do professor _____	85
Para Refletir _____	87

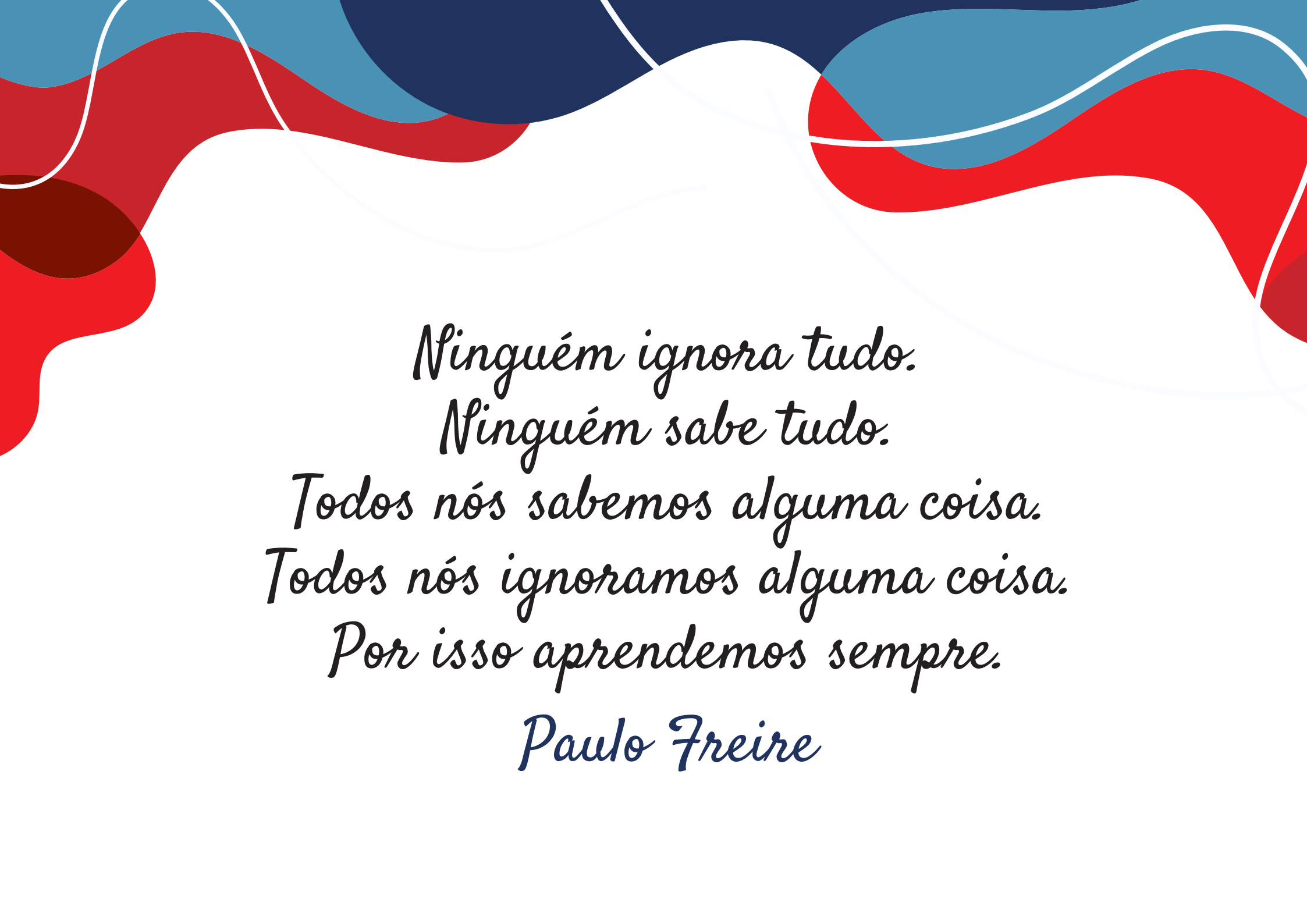
### **EIXO TEMÁTICO 5**

#### **HISTÓRIA DE VIDA: FORMAS DE ENSINAR**

#### **E APRENDER \_\_\_\_\_ 89**

Trajetória de vida de uma professora _____	90
Formação de professores para quê? _____	97
Histórias de vida como recurso de ensino e aprendizagem _____	98
Valorização das Histórias de Vida e Identidades dos Jovens e Adultos _____	99
Para Refletir _____	101
Propostas de atividades pedagógicas _____	102
Atividades _____	103

#### **REFERÊNCIAS \_\_\_\_\_ 112**



*Ninguém ignora tudo.  
Ninguém sabe tudo.  
Todos nós sabemos alguma coisa.  
Todos nós ignoramos alguma coisa.  
Por isso aprendemos sempre.*

*Paulo Freire*





# OLÁ, PROFESSOR!

Falar de formação de professores é também se referir à formação de aluno, isto porque um está interligado ao outro em um processo de ensino e aprendizagem, cuja ação é estabelecida, dialogicamente, quando o educador aprende ao ensinar e o aprendiz ensina ao aprender. Esse mesmo raciocínio pode ser estendido aos professores, de modo que um é capaz de aprender com o outro, na troca de experiências vividas fora e/ou dentro do contexto escolar, podendo, com isso, multiplicar conhecimentos pedagógicos aplicáveis aos seus propósitos de ensino.

Não nascemos professores! Aprendemos a sê-lo em reflexão com a prática e sobre ela. E, nesse processo, o conhecimento, fruto dessa reflexão, não é dado o devido valor. Muitos costumam acreditar que já sabem o que é necessário saber. Muitos ignoram a própria ignorância, não se permitindo o direito da dúvida.

É nessa concepção que mora o perigo! Nada prejudica mais o conhecimento que a inexistência de dúvida. Você, que nos está lendo, provavelmente sabe que só nos movimentamos para aprendermos, quando temos perguntas sobre alguma coisa, isto é, quando temos dúvidas sobre ela.

Foi nessa direção que me propus a investigar a formação de professores do PROEJA, com o propósito de compreender como esses profissionais se formam, na prática diária, no lidar da sala de aula, uma vez que a eles faltava uma formação específica para atuarem em uma modalidade de ensino com

caraterísticas muito particulares. Entendíamos que o exercício da docência para o atendimento do público a que se destina este ensino exigia conhecimentos voltados ao conjunto de suas especificidades.


Partindo desse pressuposto e dos resultados da investigação é que materializamos este Caderno com orientações pedagógicas. A intenção é oferecer suporte aos profissionais que já estão, em sala de aula, ou para aqueles que ingressarão nessa modalidade.

Vale destacar, professor, que a ação pedagógica direcionada ao PROEJA, também se aplica à EJA ou vice-versa, porque ambas as ofertas de ensino trazem em comum o mesmo grupo social a que se destina o trabalho docente. Desta forma, optamos pela centralidade de nossa fala, ao longo deste trabalho, na EJA, por ser ela a base do Programa institucionalizado pelo governo federal que passou a ser conhecido como PROEJA.

Neste caderno, para melhor situar você, professor, as informações estão organizadas em 5 partes denominadas de Eixos Temáticos. Em cada uma dessas partes, os Eixos Temáticos vêm acompanhados com subtemas e, com um resumo do assunto a ser tratado

Por fim, o Produto Educacional, que tem em suas mãos, é fruto de uma longa pesquisa de mestrado em que o professor foi o centro de nossas atenções, não como alguém subjugado às suas questões de trabalho, mas como alguém envolto em sua própria história na qual ele se forma e forma.

*Erismar Nunes  
de Oliveira*  
Autora



*Articular ações  
contextualizadas é uma  
forma de assegurar  
resultados significativos.*

*Erismar Nunes*

# EIXOS TEMÁTICOS PARA O TRABALHO DOCENTE



## EIXOS TEMÁTICOS

**1**

**Educação é um direito, não um favor**

**2**

**Pensando em como ensinar**

**3**

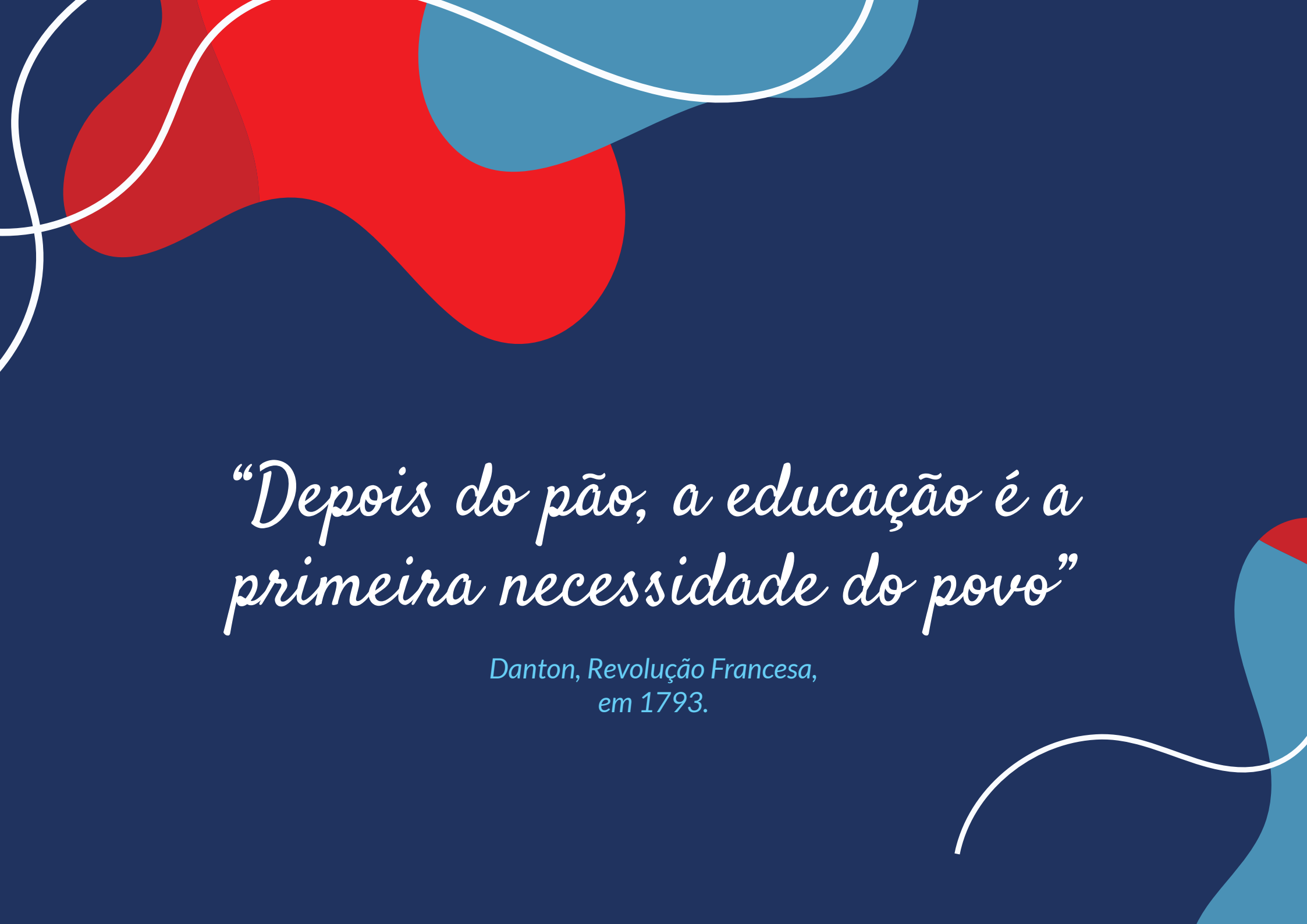
**Educação e o mundo do trabalho**

**4**

**Saberes necessários à prática docente**

**5**

**Histórias de vida: formas de ensinar e aprender**



*“Depois do pão, a educação é a primeira necessidade do povo”*

Danton, *Revolução Francesa*,  
em 1793.



## EIXO 1

# EDUCAÇÃO É UM DIREITO, NÃO UM FAVOR!

Nesta seção, destacamos textos que discutem a educação como direito de todos, indiscriminadamente, sem limites de tempo ou espaços exclusivos para exercê-lo. Contextualizamos, ainda, o foco central de nosso trabalho e o público com quem trabalhamos.

# Pensando sobre o tema:

**Professor(a), os textos  
a seguir buscam  
oferecer uma visão  
acerca da temática  
tratada neste eixo.**

## O PÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO

[...]

O direito à educação é um direito de “toda a pessoa”, sem discriminação alguma e sem limites de tempo ou espaços exclusivos para o seu exercício. É direito da criança e do adulto, da mulher e do homem, seja qual for a sua capacidade física e mental, a sua condição e situação. É direito dos brancos, dos pretos, dos mestiços e dos amarelos, dos pobres e dos ricos, dos emigrantes, dos refugiados, dos presos etc. É direito das populações indígenas e de todas as minorias. Mas há prioridades a considerar:

- A prioridade da criança, que é o ser-educando por excelência, dada a intensidade da sua educabilidade e a ressonância pessoal e social da educação da infância, principalmente da primeira infância.

- A prioridade das meninas, pelas discriminações de que continuam a ser vítimas e pela repercussão que a educação das mães tem nos filhos e na sociedade em geral.

- A prioridade das pessoas iletradas, diminuídas na sua capacidade de “ser gente”, como gostava de dizer Paulo Freire. (pág. 769)

[...]

O direito à educação obriga os pais, os Estados, a Comunidade Internacional e os próprios educandos. Os pais são naturalmente os primeiros responsáveis pelo direito à educação dos filhos, mas o Estado é o principal responsável pela satisfação do direito à educação, por duas grandes razões: porque as famílias, sobretudo as mais pobres, não têm os recursos necessários para criar todas as possibilidades de satisfação do direito à educação, e porque o Estado é o órgão do Bem Comum formulado nas normas fundamentais de cada comunidade nacional e da Comunidade Internacional, as mais importantes das quais são as que reconhecem os direitos do ser humano.

Para os mais fortes, o Estado pode ser um obstáculo à sua liberdade, mas os mais fracos precisam dele porque não podem pagar o preço da liberdade. A metade das crianças do mundo cuja satisfação do direito à educação é prejudicada por obstáculos financeiros e as crianças de mais de 40 Estados onde a escola primária ainda não é obrigatória nem gratuita só podem ter esperança na responsabilidade do Estado. Voltaremos, mais adiante, às obrigações do Estado.

Trecho do texto: **O pão do direito à educação**, de Agostinho dos Reis Monteiro. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v24n84/a03v2484.pdf>

## Da Educação

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

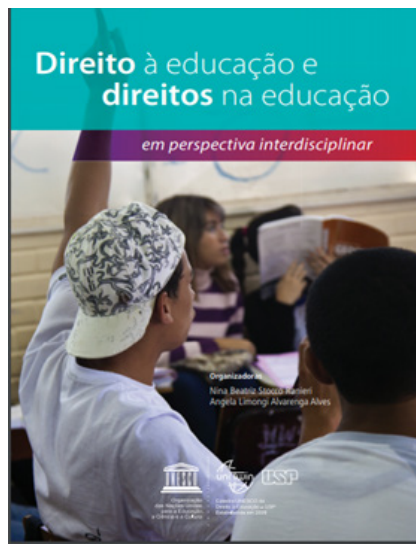
§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional



## LEITURA COMPLEMENTAR



### **Direito à educação e direitos na educação em perspectiva interdisciplinar**

Organizado por Nina Beatriz Stocco Ranieri e Angela Limongi Alvarenga Alves. São Paulo: Cátedra UNESCO de Direito à Educação/ Universidade de São Paulo (USP), 2018. 520 p

Disponível em:

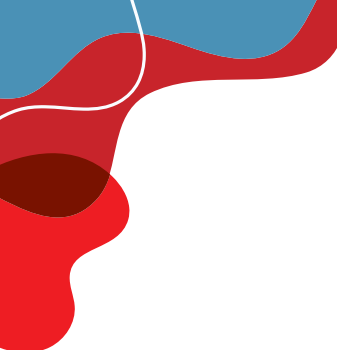
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000262765>.

## DIREITO À EDUCAÇÃO DE ADULTOS

*Moacir Gadotti*

Quando falamos de educação já não discutimos se ela é ou não necessária. Parece óbvio, para todos, que ela é necessária para a conquista da liberdade de cada um e o seu exercício da cidadania, para o trabalho, para tornar as pessoas mais autônomas e mais felizes. A educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo, numa sociedade baseada no conhecimento.

O direito à educação é reconhecido no artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 como direito de todos ao “desenvolvimento pleno da personalidade humana” e como uma necessidade para fortalecer o “respeito aos direitos e liberdades fundamentais”. A conquista desse direito depende do acesso generalizado à educação básica, mas o direito à educação não se esgota com o acesso, a permanência e a conclusão desse nível de ensino: ele pressupõe as condições para continuar os estudos em outros níveis.



O direito à educação não se limita às crianças e jovens. A partir desse conceito, devemos falar também de um direito associado – o direito à educação permanente –, em condições de equidade e igualdade para todos e todas. Como tal, deve ser intercultural, garantindo a integralidade e a intersectorialidade. Esse direito deve ser garantido pelo Estado, estabelecendo prioridade à atenção dos grupos sociais mais vulneráveis.

Para o exercício desse direito, o Estado precisa aproveitar o potencial da sociedade civil na formulação de políticas públicas de educação e promover o desenvolvimento de sistemas solidários de educação, centrados na cooperação e na inclusão.

Como afirma Mészáros (2005, p. 65)

*[...] o papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente.*

Para ele, é preciso desenvolver novas formas de educação que recuperem o sentido mesmo da educação, que é conhecer-se a si mesmo e ser melhor como ser humano, aprendendo por diferentes meios, formais e não formais. O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo

nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação.

O núcleo central dessa concepção é a negação do sonho e da utopia, não só a negação ao direito à educação integral. Por isso, devemos entender esse direito como direito à educação emancipadora. Esse tem sido, por exemplo, o esforço desenvolvido pelo Fórum Mundial de Educação. Opondo-se ao paradigma neoliberal, o FME propõe uma educação para um outro mundo possível (GADOTTI, 2007)<sup>4</sup>, que é uma educação para o sonho e para a esperança. Para defender suas “pro-posições”, o FME pretende congrega cada vez mais pessoas e organizações em

torno de uma plataforma mundial de lutas em defesa do direito à educação emancipadora, contra a mercantilização da educação.

O direito à educação não pode ser desvinculado dos direitos sociais. Os direitos humanos são todos interdependentes. Não podemos defender o direito à educação sem associá-lo aos outros direitos. A educação que o FME defende não está separada de um projeto social, da ética e dos valores da diversidade e da pluralidade (MONCADA, 2008)<sup>5</sup>.

Em Nairobi (Quênia), em janeiro de 2007, foi aprovada a “Plataforma Mundial de Educação”, com um calendário mundial de ações coletivas globais por uma alternativa ao projeto neoliberal, que inclui [...] lutar pela universalização do

direito à educação pública com todas e todos os habitantes do planeta, como direito social e humano de aprender, indissociável de outros direitos, e como dever do Estado, vinculando a luta pela educação à agenda de lutas de todos os movimentos e organismos envolvidos na construção do processo do FME e do FSM (FME, 2007)<sup>6</sup>.

Na ocasião, o FME adotou, como método de trabalho, cruzar essa plataforma com a agenda de lutas de outros movimentos e organizações da sociedade civil. Faço questão de me reportar aqui a um dos maiores estudiosos atuais da questão do direito à educação: Agostinho dos Reis Monteiro (1999)<sup>7</sup>. Para ele, o direito à educação “é um direito prioritário porque é o direito mais fundamental

para a vida humana com dignidade, liberdade, igualdade, criatividade” (MONTEIRO, 1999 apud FME, 2007, p. 129). Ele distingue educação e direito à educação. Para ele, a educação é fundamentalmente uma forma de poder:

*[...] a educação é mesmo o maior dos poderes do homem sobre o homem [...]. O direito à educação é um direito novo a uma educação nova, com educadores novos e em escolas novas... direito a toda a educação, isto é, a todos os níveis e formas de educação, segundo as capacidades e interesses individuais e tendo em conta as possibilidades e necessidades sociais [...] e a uma educação que proporciona todas as aprendizagens necessárias ao pleno desenvolvimento da personalidade humana, com*

*suas dimensões afetiva, ética, estética, intelectual, profissional, cívica, por meio de métodos que respeitam a dignidade e todos os direitos dos educandos (MONTEIRO, 1999 apud FME, 2007, p. 126-127).*

Ao estabelecermos como prioridade de atendimento do direito à educação os grupos sociais mais vulneráveis, devemos incluir aí as pessoas analfabetas e também as privadas de liberdade. O analfabetismo representa a negação de um direito fundamental. Não atender ao adulto analfabeto é negar duas vezes o direito à educação: primeiro, na chamada idade própria; depois, na idade adulta. Não há justificativa ética e nem jurídica para excluir os analfabetos do direito de ter acesso à educação básica.

A título de exemplo, no Brasil, temos quase meio milhão de presos e apenas 18% deles têm acesso a alguma atividade educacional. Nos países mais pobres, tem sido assim: a educação nas prisões raramente é reconhecida como um direito. Depende, muitas vezes, da boa vontade da direção de cada estabelecimento e dos meios humanos e financeiros para garantir esse direito. Uma sensibilização em relação a essa problemática é essencial. A educação das pessoas privadas de liberdade deve ser integrada à campanha mundial pelo direito à educação.

[...]

Excerto do artigo: Educação de Adultos como Direito Humano.  
**Disponível em:** [periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1004/pdf](http://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/1004/pdf)



## LEITURA COMPLEMENTAR

**O perfil dos alunos e alunas da educação de jovens e adultos: alfabetização e diversidade**, escrito por Núbia Nafaiete Ferraz.

Disponível em:

<http://iesfma.com.br/wp-content/uploads/2017/10/O-PERFIL-DOS-ALUNOS-E-ALUNAS-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-DE-JOVENS-E-ADULTOS-alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-e-diversidade.pdf>

# A Escola dos meus Sonhos

*Frei Betto*

Na escola de meus sonhos, os alunos aprendem a cozinhar, costurar, consertar eletrodomésticos, fazer pequenos reparos de eletricidade e de instalações hidráulicas, conhecer mecânica de automóvel e de geladeira, e algo de construção civil. Trabalham em horta, marcenaria e oficinas de escultura, desenho, pintura e música. Cantam no coro e tocam na orquestra.

Uma semana ao ano integram-se, na cidade, ao trabalho de lixeiros, enfermeiras, carteiros, guardas de trânsito, policiais, repórteres, feirantes e cozinheiros profissionais. Assim, aprendem como a cidade se articula por baixo, mergulhando em suas conexões subterrâneas que, à superfície, nos asseguram limpeza urbana, socorro de saúde, segurança, informação e alimentação.

Não há temas tabus. Todas as situações-limites da vida são tratadas com abertura e profundidade: dor, perda, falência, parto, morte, enfermidade, sexualidade e espiritualidade. Ali os alunos aprendem o texto dentro do contexto: a matemática busca exemplos na corrupção dos precatórios e nos leilões das privatizações; o português, na fala dos apresentadores de TV e nos textos de jornais; a geografia, nos suplementos de turismo e nos conflitos internacionais; a física, nas corridas da Fórmula 1 e pesquisas do supertelelescópio Hubble; a química, na qualidade dos cosméticos e na culinária; a história, na violência de policiais a cidadãos, para mostrar os antecedentes na relação colonizadores-índios, senhores-escravos, Exército-Canudos etc.

Na escola dos meus sonhos, a interdisciplinaridade permite que os professores de biologia e de educação física se complementem; a multidisciplinaridade faz com que a história do livro seja estudada a partir da análise de textos bíblicos; a transdisciplinaridade introduz aulas de meditação e de dança, e associa a história da arte à história das ideologias e das expressões litúrgicas.

Se a escola for laica, o ensino religioso é plural: o rabino fala do judaísmo; o pai-de-santo do candomblé; o padre do catolicismo; o médium do espiritismo; o pastor do protestantismo; o guru do budismo etc. Se for católica, promove retiros espirituais e adequação do currículo ao calendário litúrgico da Igreja.

Na escola dos meus sonhos, os professores são obrigados a fazerem periódicos treinamentos e cursos de capacitação, e só são admitidos se, além da competência, comungam com os princípios fundamentais da proposta pedagógica e didática. Porque é uma escola com ideologia, visão de mundo e perfil definido sobre o que são democracia e cidadania. Essa escola não forma consumidores, mas cidadãos.

Ela não briga com a TV, mas leva-a para a sala de aula: são exibidos vídeos de anúncios e programas e, em seguida, analisados criticamente. A publicidade do iogurte é debatida; o produto, adquirido; sua química, analisada e comparada com a fórmula declarada pelo fabricante; as incompatibilidades denunciadas, bem como os fatores porventura nocivos à saúde. O programa de auditório de domingo é destrinchado: a proposta de vida subjacente; a visão de felicidade; a relação animador-plateia; os tabus e preconceitos reforçados etc. Em suma,

não se fecha os olhos à realidade; muda-se a ótica de encará-la.

Há uma integração entre escola, família e sociedade. A Política, com P maiúsculo, é disciplina obrigatória. As eleições para o grêmio ou diretório estudantil são levadas a sério e um mês por ano setores não vitais da instituição são administrados pelos próprios alunos. Os políticos e candidatos são convidados para debates e seus discursos analisados e comparados às suas práticas.

Não há provas baseadas no prodígio da memória nem na sorte da múltipla escolha. Como fazia meu velho mestre Geraldo França de Lima, professor de História (hoje romancista e membro da Academia Brasileira de Letras), no dia da prova sobre a Independência do Brasil os alunos traziam à classe toda a bibliografia pertinente e, dadas as questões, consultavam os textos, aprendendo a pesquisar.

Não há coincidência entre o calendário gregoriano e o curricular. João pode cursar a 5ª série em seis meses ou em seis anos, dependendo de sua disponibilidade, aptidão e recursos.

É mais importante educar que instruir; formar pessoas que profissionais; ensinar a mudar o mundo que a ascender à elite. Dentro de uma concepção holística, ali a ecologia vai do meio ambiente aos cuidados com nossa unidade corpo-espírito, e o enfoque curricular estabelece conexões com o noticiário da mídia.

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para poderem se manter. Pois é a escola de uma sociedade onde educação não é privilégio, mas direito universal e, o acesso a ela, dever obrigatório.

**Disponível em:** <https://www.freibetto.org/index.php/artigos/14-artigos/25-a-escola-dos-meus-sonhos>

Frei Betto é escritor, autor de “Alfabeto – Autobiografia Escolar” (Ática), entre outros livros.

# Você sabe o que é a **EJA?**

É a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o antigo Supletivo. A EJA é uma modalidade de Ensino destinado a jovens e adultos que não deram continuidade aos estudos ou que não tiveram acesso ao Ensino Fundamental e/ou Médio na idade adequada.

**LDB 9394/96  
EJA**

**Modalidade de ensino**

**Pessoas que não tiveram  
acesso e/ou permanência  
ao ensino regular na idade  
própria**

# CONTEXTUALIZANDO A EJA



## Ontem/hoje

- Antigamente, considerava-se alfabetizado quem sabia ler e escrever
- Atualmente quem sabe ler, escrever e incorporar a linguagem escrita na vida é considerado alfabetizado

## Pesquisa



- Pesquisas mostram o aumento de analfabetos maiores de 14 anos no Brasil e no mundo
- As salas da EJA têm um perfil multicultural, exigindo um educador situado, a quem, o que e como ensinar
- Um educador que considere o ensino em três dimensões: para quem, o que e como.

## CENÁRIO



## Esvaziamento da sala de EJA

- Trabalho e estudo tornam-se cansativos
- Condições de acesso e segurança noturna
- Horários incompatíveis
- Falta de vagas
- Professor sem formação específica
- Visão limitada sobre a importância da educação para o enfrentamento de obstáculos

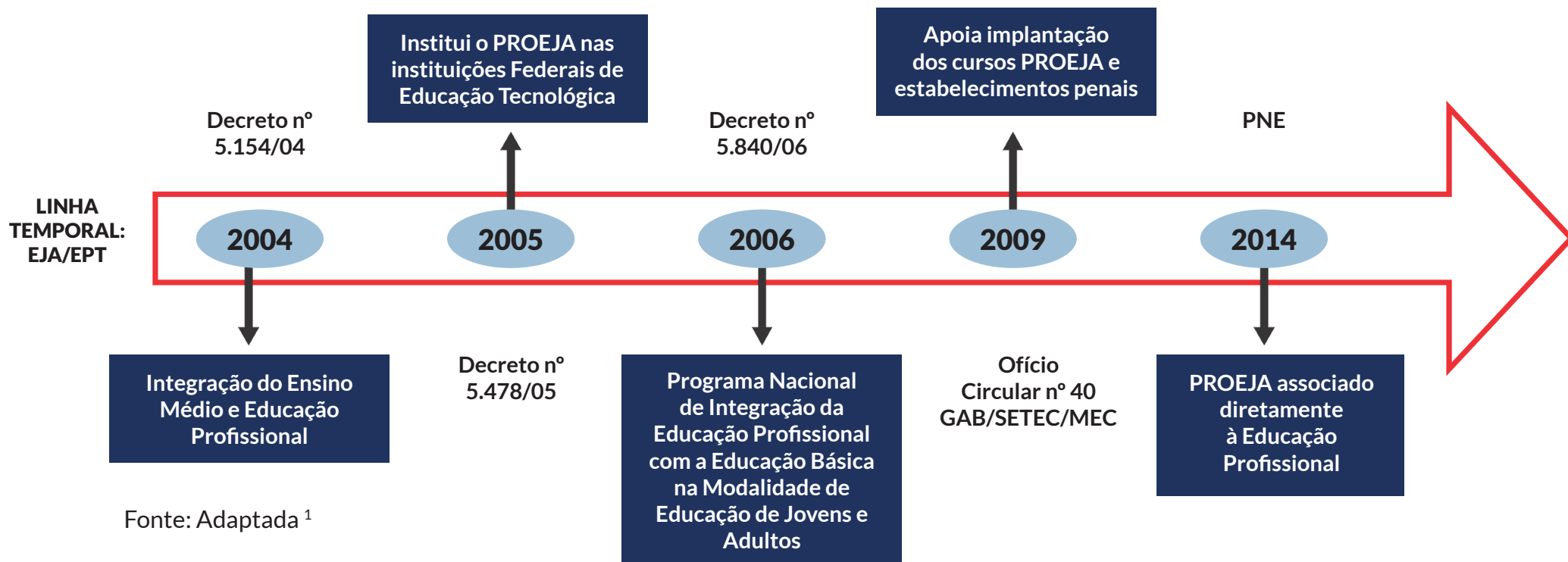
## Desafios



- Entender que foi a escola que fracassou, não os alunos
- Formar professores com conhecimento específico
- Criar políticas afirmativas para ingresso, permanência e êxito
- Efetivar-se como educação de qualidade a serviço do pleno desenvolvimento do educando

# E o PROEJA, você sabe o que é?

É um Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos, que tem por objetivo oferecer oportunidade da conclusão da educação básica, juntamente com a formação profissional àqueles que não tiveram acesso ao ensino médio na idade regular.



Fonte: Adaptada <sup>1</sup>

<sup>1</sup> SILVA, Gildemberg da Cunha et al. Um redimensionamento estratégico do PROEJA e cursos FIC para educação tecnológica. Uma perspectiva do PNE 2014 - 2024 e agenda 2030 (ONU). 2019. Disponível em: <https://revistaespacios.com/a19v40n05/a19v40n05p19.pdf>

# **EJA e PROEJA, unificados, o que oferecem?**

O PROEJA é o nome dado quando a modalidade EJA é oferecida juntamente com um curso técnico. A oferta do curso é encontrado com mais frequência nos Institutos Federais de Educação Tecnológica do Governo Federal. O interessado poderá concluir seus estudos na modalidade EJA e, ao mesmo tempo, fazer um curso técnico de formação profissional. Ou seja, o PROEJA oferece, além da formação básica, uma formação para o trabalho.

## **EJA / PROEJA**

Com a integração dessas duas modalidades educativas, o PROEJA, oportuniza a jovens e adultos de origem popular, em tese, acesso à educação básica de qualidade e ao mundo do trabalho como elementos formativos, permitindo

elevação de  
escolaridade

e

profissionalização

## EJA e PROEJA encontro e possibilidades

PROEJA e EJA são duas histórias que se encontram com objetivos em comum: oportunizar formação educacional aos jovens, adultos e idosos que depois de anos afastados da escola desejam voltar a estudar.

Para falar do PROEJA, primeiramente, deve-se reportar à EJA. Esta tem uma história que nasce com os jesuítas, mentores da educação brasileira, durante mais de duzentos anos. No Brasil colônia, onde está a gênese dessa história, eram desenvolvidas duas premissas educativas, uma de caráter religioso e moralizador para a classe pobre, e a outra, de caráter instrutivo para as pessoas ricas. Ou seja, a educação à

época, assim como hoje, tinha objetivos diferenciados para cada grupo social.

Nas primeiras décadas do século XX, após o resultado do censo de 1890 que constatou que 80% da população brasileira era analfabeta, começaram a acontecer mobilizações da sociedade em torno da alfabetização dos adultos. De lá para cá, inúmeros projetos educativos foram efetivados com o propósito, senão de resolver o problema do analfabetismo, pelo menos de diminuí-lo. Todavia a realidade empírica nos mostra que o analfabetismo ainda está presente entre nós, pois, continuamente, ficam pelo caminho escolar centenas de pessoas sem serem alfabetizadas, fato que evidencia a necessidade de se rever as políticas públicas voltadas para a educação.



É neste cenário desafiador que entra a importância da Educação de Jovens e Adultos – EJA, isto é, como possibilidade de efetivar o direito à educação pública aos jovens e adultos que retomam à escola depois de anos afastados.

É por força de Lei que a EJA passa a ser reconhecida como modalidade específica da Educação

Básica, como possibilidade de efetivar o direito à educação a quem, além de direito, tem pressa de aprender.

Isso aconteceu a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996 - Lei nº 9394. Em seu art. 37, § 1º, ela afirma que *“os sistemas de ensino assegurarão, gratuitamente, aos jovens e aos adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas e exames.”*

O PROEJA, por sua vez, é uma das mais recentes políticas para a educação profissional com elevação de escolaridade. O Programa localiza-se em uma imbricação da educação profissional com a Educação de Jovens e Adultos. Ou seja, no âmbito da EJA foi instituído um Programa que integra a educação profissional à educação básica com o objetivo de oferecer ao estudante trabalhador uma formação profissional, além, é claro,

de promover a elevação de sua escolaridade.

Neste sentido, Amorim (2016) traz a discussão sobre a relação existente entre a educação de adultos e a educação profissional que ocorre de forma e, com propósitos distintos, passando a andarem juntas a partir da integração de ambas, com a finalidade de resolver dois problemas cruciais: o analfabetismo e o despreparo para o trabalho.

Diante dessa realidade, justifica-se a necessidade de a Educação de Jovens e Adultos - EJA - ser ofertada nas redes municipais de ensino, e a EJA integrada à Educação Profissional - o PROEJA - nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). Caracterizam-se tais ofertas como oportunidades, talvez, únicas de garantir um futuro melhor para milhares de pessoas que precisam dar continuidade aos seus estudos.

Vale destacar que tanto na EJA quanto no PROEJA há particularidades suscitadas pelos alunos e cabe ao professor estar atento a essas questões no desenvolvimento de seu trabalho pedagógico. Um outro ponto importante é que para ensinar nesses campos de docência, não basta que o professor tenha o domínio do conteúdo de sua formação inicial, mas, sobretudo, que saiba como ensinar e o que ensinar. Para isso, conhecer quem são, e de onde vêm seus alunos é o primeiro passo.

Portanto, pensar na EJA e no PROEJA é pensar em duas modalidades de ensino que podem provocar possibilidades de mudanças para um público bastante heterogêneo com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias singulares.

# Que jovem e que adulto é esse com quem se vai trabalhar?

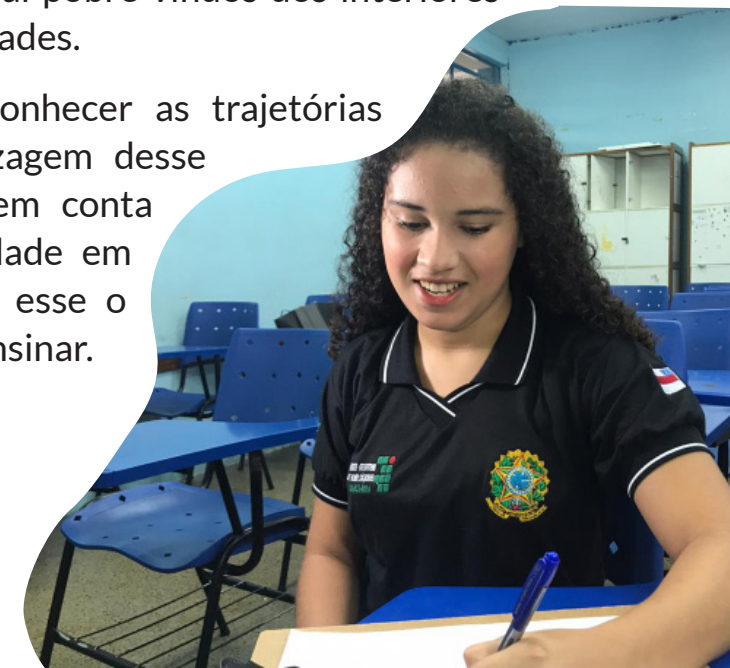
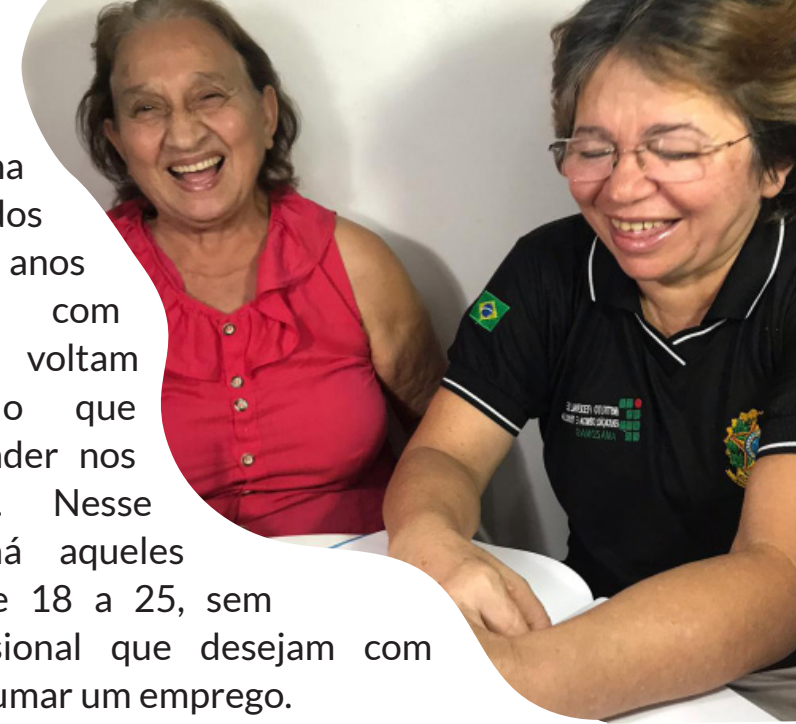
Quem são essas pessoas? Onde elas se encontram? Por que elas estão de volta à escola? Quais seus sonhos? Essas e outras questões devem fazer parte das inquietações do professor como ponto de partida de sua ação pedagógica.

Os alunos do ProEJA são pessoas comuns, muitas vezes analfabetas funcionais, ou seja, jovens e adultos com domínio precário da leitura, da escrita e do cálculo, ou totalmente analfabetas. E ainda, adultos que já exercem uma profissão, por isso buscam na escola certificados para dar notoriedade a seus saberes no mercado de trabalho. Muitos desses alunos são trabalhadores que à noite chegam cansados à escola.

Outros, dona de casa, aposentados que, depois de anos de trabalho, já com filhos criados, voltam para aprender o que deixaram de aprender nos bancos escolares. Nesse leque, também há aqueles ainda jovens, entre 18 a 25, sem experiência profissional que desejam com diploma na mão arrumar um emprego.

Percebe-se, portanto que não é qualquer jovem e qualquer adulto que fazem parte do grupo de alunos dessa modalidade de ensino, são pessoas com histórias próprias de origem social pobre vindos dos interiores ou das periferias das cidades.

Nesse contexto, conhecer as trajetórias de vida e de aprendizagem desse público implica levar em conta o movimento da realidade em que vive, podendo ser esse o diferencial na hora de ensinar.



# Características do público do ProEJA





## LEITURA COMPLEMENTAR

### O pão do direito à educação.

Agostinho dos R. Monteiro.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/es/v24n84/a03v2484.pdf>

### Direitos humanos e educação: uma relação indissociável.

Juliana Sada.

Disponível em:

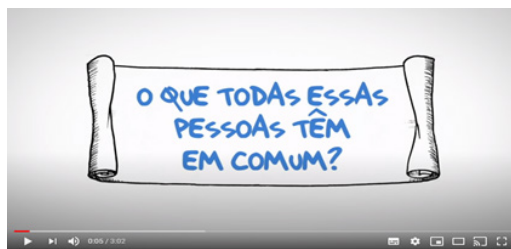
<https://educacaointegral.org.br/reportagens/direitos-humanos-educacao-uma-relacao-umbilical/>

## SAIBA MAIS

### Direitos humanos

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=hGKAaVoDISs&t=5s>



Direitos Humanos

### Qual o papel da EJA no Brasil?

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=SX0aNvUKoj0>



Qual é o papel da EJA no Brasil? | Conexão

### PROEJA

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=W2e13UoMozY>



PROEJA

## Artigo 26

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior está baseada no mérito.”

*Declaração Universal dos Direitos Humanos*

## Art. 205.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

PARA

*Refletir*

- Professor, quando você entra em sala de aula, vê em sua frente sujeitos de direitos?
- Você sabe quem são os seus alunos? Em que trabalham? Quais os seus sonhos? Em que contexto eles vivem? Por que estão de volta à escola?
- Qual o seu papel na garantia do direito à educação dos seus alunos?
- Qual a escola de seus sonhos?
- Paulo Freire aponta três direitos principais a respeito do conhecimento para as camadas populares, apresentados a seguir. Qual a sua opinião a respeito desses direitos?
  - De conhecer melhor o que já conhece, de sua experiência diária.
  - De conhecer o que ainda não conhece, por lhes ter sido negado esse saber ou por terem sido apropriados por outras camadas.
  - De construir o seu próprio conhecimento.
- De que forma, você, professor (-a), pode ajudar os seus alunos a terem acesso aos três direitos principais apontados por Paulo Freire?
- Professor (a), você já pensou nos reais motivos que levaram/levam os jovens e adultos a se matricularem em cursos e não concluírem, esvaziando a sala de aula no percurso?
- Quais são as possíveis causas: o horário dos cursos, as estratégias e metodologias utilizadas pelos docentes, ou outros fatores sociais como jornada de trabalho?

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”*

Paulo Freire





## EIXO 2

# PENSANDO EM COMO ENSINAR

Nesta seção, todas as informações foram organizadas para dar suporte ao professor em sua ação pedagógica. Neste sentido, trazemos dados sobre a Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação profissional como proposta de ensino e aprendizagem a um coletivo que merece atenção especial. Também serão apresentadas, no contexto do ensino para os adultos, as especificidades do trabalho docente, e por último, tecemos algumas considerações a respeito dos métodos de ensino: dialógico e andragógico.

# O cotidiano no PROEJA: como ensinar?


O cotidiano é um potencial formador. Quando falamos em formação profissional, a primeira impressão que vem a nossa memória é que esse processo se dá, unicamente, em contextos fora da escola por meio de pesquisas, de leituras e de posse dos saberes sistematizados, no entanto, esse é um dos caminhos formativos, não o único.

Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar traz em si, nas relações estabelecidas, a força do cotidiano como elemento formador<sup>8</sup>. Assim, na individualidade de cada pessoa, nas interações que ela estabelece, entre si e com o outro e com o meio, acontecem construções de conhecimentos as quais aprimoram o homem enquanto pessoa e profissional.

É nessa relação trivial dotada de saberes e de experiências experimentadas que também nos formamos. Ou seja, o cotidiano pode nos impulsionar a aprender e apreender dados de uma realidade, de modo a nos permitir a construção de saberes próprios que nos levarão a agir melhorando sempre o que fazemos.

Mas afinal como ensinar no PROEJA? Aqui a nossa intenção não é apresentar receitas prontas para o ensinar, mas suscitar provocações trazidas por Paulo Freire (1996), com o método dialógico e por Malcolm Knowles (1913- 1997), educador norte-americano com a teoria andragógica, ambas no ensino com adultos.





Freire nos orienta a visualizarmos a educação como uma força capaz de mudar vidas, que nos leva a agir na tarefa de ensinar não no vazio, mas com saberes sólidos, resultados de pesquisas, bom senso, empatia e afeto.

Para Paulo Freire, o ensino é muito mais que uma profissão, é uma ação que exige saberes múltiplos e comprovados que articulados às realidades dos aprendizes podem provocar mudanças na vida de quem se propõe aprender.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, o autor convida os docentes a refletirem sobre alguns saberes imprescindíveis à prática educativa. Entre esses saberes, destaco a PESQUISA no sentido de evidenciar o quanto a ação de pesquisar é um diferencial na vida de quem a pratica. E aqui, na nossa profissão, pesquisar significa melhorar sempre.

Compartilho com afirmação do autor quando diz *“pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo”* (p.29). Ou seja, nesse processo de busca, ocorrem transformações não só na vida de quem pesquisa, como também na vida daqueles com quem se trabalha.

Freire acreditava que, em sala de aula, professor e aluno trocam conhecimentos e experiências que vão além da simples transmissão de saberes e, que, não só o educando aprende, mas também o educador. Nessa relação, ambas as partes acabam desenvolvendo seus conhecimentos, ampliando conceitos a partir do quadro referencial de cada um. Isto é, do conflito entre a leitura das realidades filtradas pelo quadro referencial, tanto do aluno quanto do professor, nascem conhecimentos que se agregarão aos já existentes.

Nunca podemos esquecer na nossa prática diária que o mundo muda, as realidades mudam, o conhecimento muda, logo, as pessoas também mudam. E se é assim, a prática educativa está sempre se modificando e de acordo com tais transformações o educador também deve mudar. O educador deve sempre buscar saber mais e nunca se limitar a um mero plano de ensino passado por uma determinada instituição.

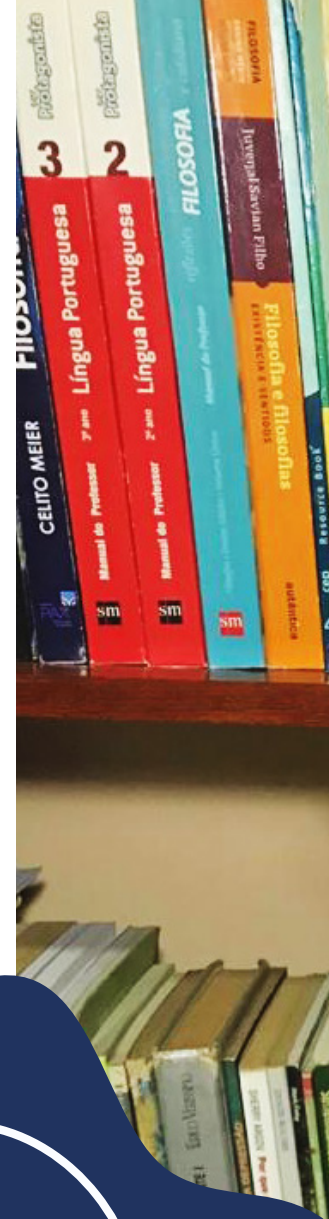
# Especificidade do trabalho docente: Conhecer é necessário

Para conhecer a especificidade do trabalho docente no ProEJA, primeiramente, faz-se necessário considerar as particularidades do coletivo que compõe a modalidade de ensino, assim como levar em consideração o contexto em que vivem os jovens e adultos como ponto de partida de se pensar em uma ação pedagógica. De posse dos dados dos estudantes e do contexto em que vivem, o professor tem um referencial para desenvolver seu trabalho condizente com o seu público.

Assim, é possível indagar: Quais são as habilidades que os professores devem trabalhar para que os estudantes sejam estimulados a se expressarem e a realizarem o potencial criativo de sua criatividade? Nesta fresta se destaca também a importância da curiosidade do próprio professor tanto em relação aos conhecimentos que os alunos trazem quanto às transformações que a ciência provoca dentro de sua própria área de conhecimento.

Para Paulo Freire, uma das qualidades que o professor deve desenvolver para formar a sua autoridade democrática e garantir a liberdade dos alunos é a segurança em si mesmo. Aquela segurança que vem da qualidade de sua formação, por isso, que cuidar bem da prática da formação docente tanto em termos de conteúdos quanto no que diz respeito à formação pedagógica é uma das ações políticas mais importante na luta pela valorização da profissão.

É nesse contexto que o professor que trabalha na Modalidade de Jovens e Adultos,





na perspectiva de mudança, nunca deve olhar o aluno trabalhador, apenas como um mero receptáculo de informações, ou agir como se esse aluno não tivesse uma história de vida singular que desenha sua forma de pensar e agir, explicando a sua condição de estar no mundo. Isso porque na relação ensino e aprendizagem, aluno e professor, com maior ou menor grau, são aprendizes um do outro.

Os estudos e reflexões sobre a formação docente para atuar com o público da Educação de Jovens e Adultos, integrada ou não à educação profissional, chama a atenção dos professores sobre as especificidades da modalidade. De acordo com as pesquisas, existem saberes que nós professores não só precisamos dominar, mas colocá-los em prática.

Daí a importância do compromisso do professor em estudar permanentemente, o que implica lutar pelas condições de trabalho e de formação continuada.

# Saberes necessários à formação docente

Ribeiro (1999)

- 1) Reconhecer a origem dos jovens e adultos a que essa educação se destina como membros das classes subalternas.
- 2) Identificar as necessidades de aprendizagem desse público, principalmente, aquelas relacionadas à sua inserção no mercado de trabalho, para o exercício da cidadania, para a promoção da qualidade de vida e do convívio na comunidade e na família.
- 3) Valorizar conteúdos ligados, diretamente, às condições de vida e de trabalho dos educandos.
- 4) Observar o modo de aprender desses jovens e adultos, os quais, em grau muito mais elevado do que as crianças, já dispõem de um amplo universo de conhecimentos práticos e concepções mais ou menos cristalizadas sobre diversos aspectos da realidade social e natural.

**Quando falamos em ensinar, pensamos, automaticamente, em instruir, transferir conhecimentos, mostrar, orientar, tendo o professor como o centro do processo. No entanto, se partirmos somente para a transmissão de conhecimentos começamos errados, visto que o ensino não depende, exclusivamente, do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas de aluno, as duas atividades se explicam e se complementam; os participantes são sujeitos e não objetos um do outro.**

*Eu costumo dizer que não estou professora, eu sou professora. Quando eu alfabetizei meu irmão aos seis anos de idade e de lá pra cá, eu venho alfabetizando e alfabetizo até hoje.*

Professora Isabel,  
entrevista, 22/10/2019

# O QUE O PROFESSOR PRECISA LEVAR EM CONSIDERAÇÃO AO TRABALHAR COM OS ALUNOS DO ProEJA ?

Nós, professores, diante de alunos jovens, adultos e idosos, aparentemente, com pouco saberes, também aprendemos e, no trabalho com eles devemos levar em consideração:

## Trajetórias de vida dos educandos

Cada pessoa tem uma trajetória de vida que traz em seu histórico vivências que o influenciaram e continuam influenciando em todos os seguimentos da vida. Paulo Freire, na *Pedagogia da autonomia*, destaca que a construção do indivíduo no mundo não se dá no isolamento, mas na interação entre forças sociais e genéticas. Assim, no momento de ensinar, o professor deve considerar essas trajetórias formativas e trazê-las para dentro da aula. Lecionar para alunos adultos não é simples, precisamos conhecê-lo, para a partir desse conhecimento ministrar aulas de forma a cativá-los e a envolvê-los tornando a arte de aprender mais interessante e motivadora em suas vidas.

## O tempo de cada um

O ser humano traz a diversidade de experiências que o caracteriza em sua individualidade. Ninguém é igual a ninguém. Cada pessoa tem uma história particular e única, formada por sua estrutura biológica, psicológica, social e cultural. É assim na vida, é assim na escola. Então, se somos diferentes, significa que também aprendemos de forma diferente, logo o nosso tempo de aprendizado também se diferencia. No caso de jovens e adultos, isso é importantíssimo! Não considerar esse fator implica prejuízo de aprendizado, pois as potencialidade dos alunos trabalhadores para se desenvolver requer um tempo próprio que se diferencia do tempo dos alunos do diurno. O professor sabe que é fundamental conduzir seus alunos, mas, acima de tudo, respeitar o tempo de cada um, compreendendo que ao desenvolvimento humano é constante e contínuo e cada um tem seu ritmo.

## Faixa etária e especificidades.

Ensinar não é transferência de conhecimentos e, como tal, o professor ao ensinar deve levar em consideração algumas especificidades do alunado da EJA como condição básica para que ocorra a interação entre aluno, professor e aprendizado. Entre essas especificidades, estão: a condição de não-crianças, a condição de excluído da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais. Assim, o professor no trabalho diário de sala de aula precisa ter o cuidado para não infantilizar os educandos a forma de falar, de cobrar, ou ainda nos tipos de atividades que se propõe a desenvolver. Além disso, preocupar-se com o material levados para sala de aula, no que diz respeito a temas, leituras, exercícios que devem dialogar com o mundo deles.

## A diversidade de pessoas e de interesses.


A diversidade é própria de uma sociedade, de um país, do mundo, logo não é estranho a pluralidade em uma sala de aula. Tendo consciência de que a diversidade é própria do humano, respeitá-la não me parece difícil, é apenas questão de compreensão. Mas, então, quem são esses sujeitos nas práticas de sala de aula? São jovens, adultos e idosos entrelaçados por questões intergeracionais e histórias de vida distintas que se encontram em situações semelhantes em busca de um objetivo em comum: voltar a estudar. Beck (2017) nos dá algumas dicas que podem ser levadas em conta, afinal, não existe uma receita exata de como lidar com as diferenças. Para o autor, o educador que trabalha com turmas heterogêneas não pode chegar à sala de aula com respostas prontas ou propostas de ensino engessadas. Além disso, ele deve ter em mente os interesses e as motivações dos alunos e, sempre que possível, fazer perguntas com a intenção de conhecê-los, deixando-os sentirem que há interesses com o aprendizado deles.

# Afeto aliado ao ensino

No processo de ensino e aprendizagem, há um outro ponto importante na relação professor-aluno: o afeto. Neste sentido, professor, ao lecionar devemos saber de antemão que o nosso trabalho, em sala de aula, envolve, além do domínio de técnicas pedagógicas e estratégias específicas, um olhar afetivo para com o estudante.

Lidar com ser humano requer zelo nas relações, afinal lidamos com pessoas, não com coisas, por isso questões como respeito, tolerância, cuidados e afeto são imprescindíveis na ação pedagógica. Afeto, aqui, não significa carinho, afago, mas manifestações do desejo sincero de ajudar o outro a ser melhor.

Freire (1996) reforça esta ideia, destacando que o trabalho docente pelo



*A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.*

Paulo Freire

fato de estar envolto do afeto, não se limita ao “tratamento” superficial dado ao conteúdo, mas, ao contrário, engloba a produção das condições em que aprender criticamente é possível.

O fator da humildade é um outro traço importante do trabalho docente. Aqui, vale destacar que humildade comunga com o que Freire (1997, p.55) defende ao afirmar que:

*Humildade de modo algum significa falta de acato a nós mesmos, acomodação, covardia. Pelo contrário, a humildade exige coragem, confiança em nós mesmos, respeito a nós mesmos e aos outros.*

A humildade por se tratar de uma particularidade humana abre portas tanto para o ensino quanto para o aprendizado. Para o ensino, quando quem ensina reconhece que ainda tem muito o que aprender de modo a se inquietar diante de sua própria ignorância e vê no outro, um aprendiz tanto quanto ele. Nesta linha de raciocínio, Freire (1996, p, 85) explica:

*Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Ou seja, a curiosidade é uma força motriz que me leva ao aprendizado, conseqüentemente, ao ensino.*

Com relação ao aprendizado, a humildade se manifesta no comportamento de quem ensina quando este melhora o que faz, continuamente, e para quem faz. No entanto, para que isso aconteça, o professor deve criar, como nos ensina Paulo Freire, possibilidades de o aluno transformar o conhecimento do senso comum que ele traz para a escola em conhecimento epistemológico.

Por outro lado, o afeto alimenta as relações entre professor e aluno, funcionando como uma força motriz que pode motivar o aluno a seguir com o seu propósito na vida e com os seus estudos. Logo, no ensino, assim como em qualquer outra atividade humana, ainda que haja todos os investimentos do mundo, sem Amor nada frutifica.

# Conteúdos

Para que não haja dúvida do que ensinar ou o que é importante e útil que os alunos trabalhadores aprendam, precisamos de perguntas a cerca **do que, por que, como, quando, onde, com quem e para que** estamos aprendendo. Talvez refletindo sobre essas indagações, possamos redimensionar os conteúdos previstos a serem trabalhados, atendendo, desta forma, as reais necessidades de aprendizado dos alunos.

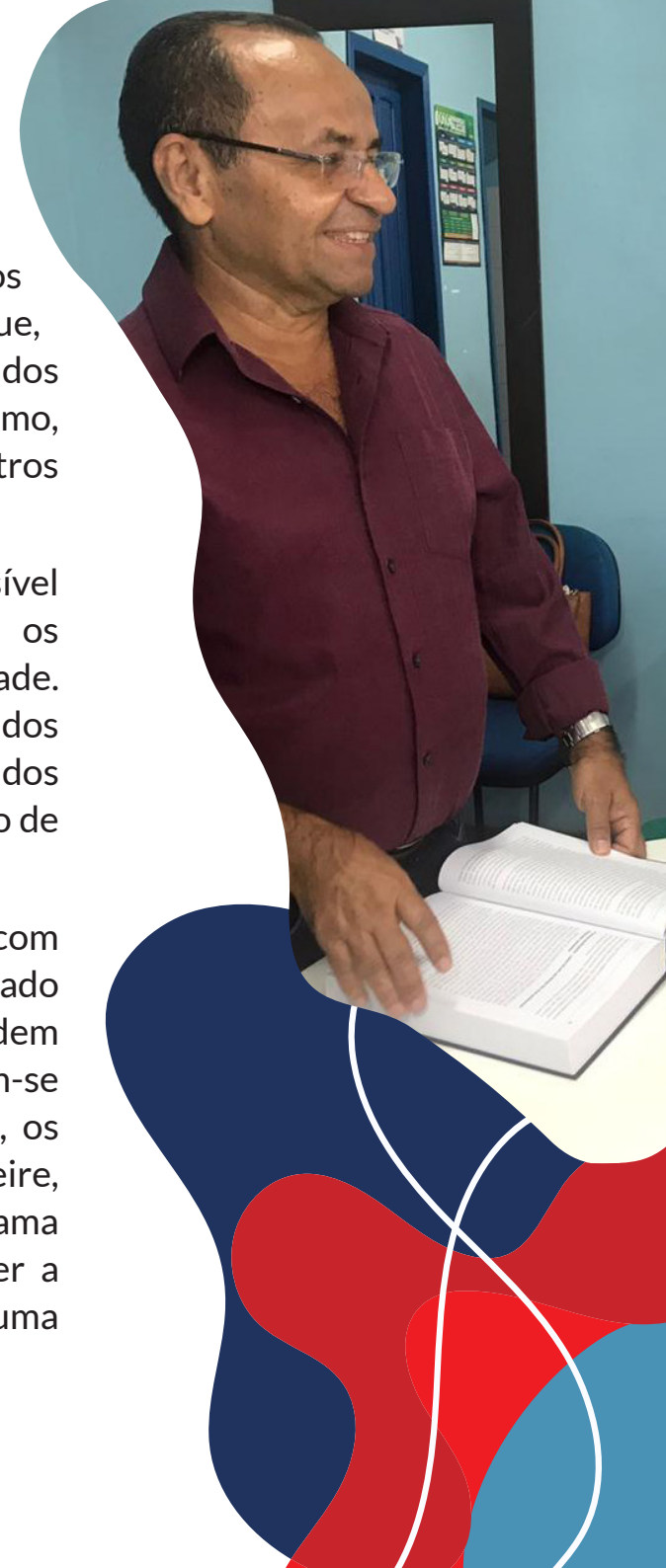
Com relação aos conteúdos escolares, Saviani (2011) ressalta que na educação torna-se indispensável distinguir o que é essencial e secundário, o fundamental e o acessório, que nesse processo, o clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. Ou seja, o clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial.

Assim, nós, professores, conectados com a realidade e com as necessidades

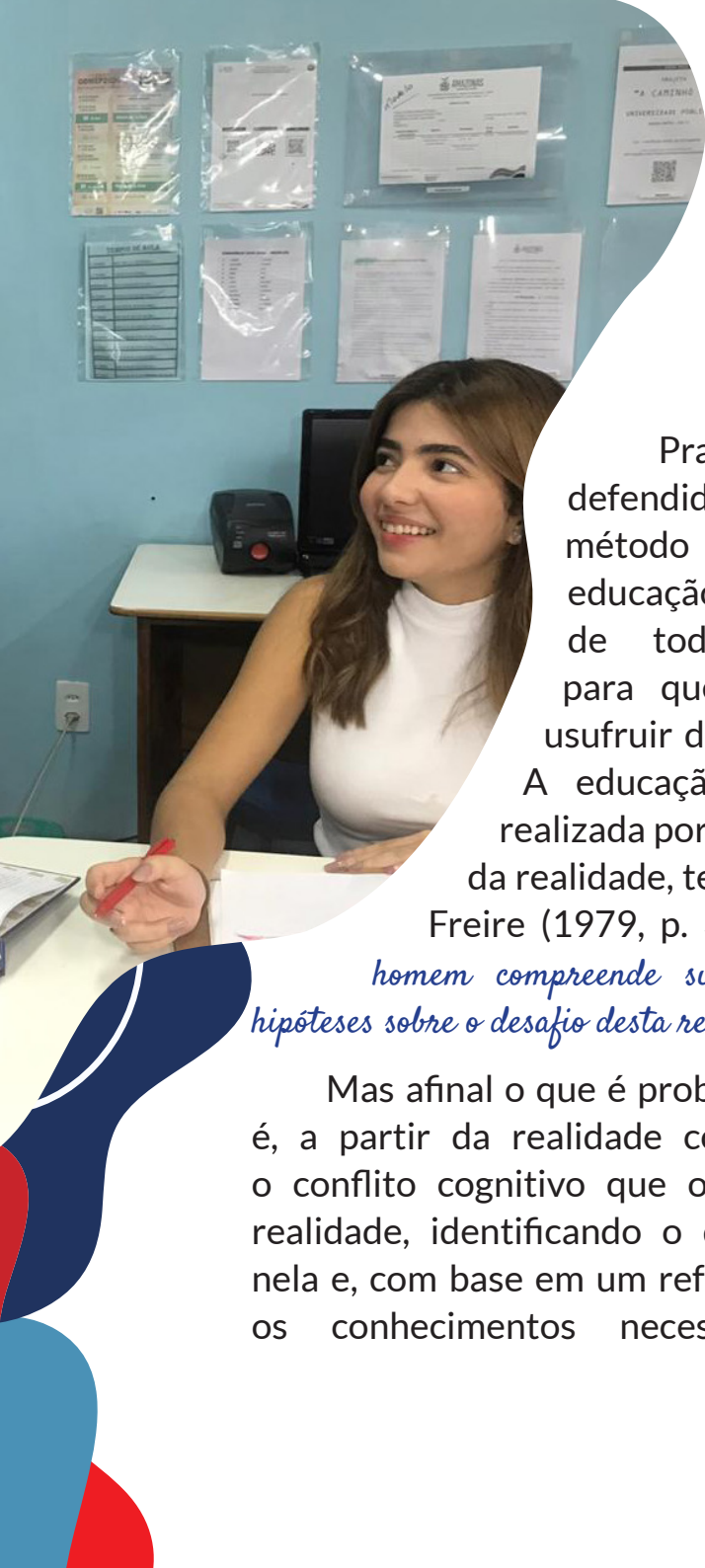
de aprendizagem dos alunos, devemos ter o bom senso para saber o que, como e quando trabalhar determinados conteúdos com a turma. Ou até mesmo, incorporar aos conteúdos previstos outros considerados importantes.

Para Paulo Freire, não era possível fazer uma educação sem conhecer os educandos, sem partir de sua realidade. Pois, um ensino que tem como conteúdos questões associadas à vivência dos aprendizes pode despertar neles o gosto de querer aprender.

Ou seja, as pessoas aprendem com mais prazer quando o objeto explorado não lhe é estranho e, quando aprendem determinados conteúdos, sentem-se motivados a estudar. Por esse motivo, os conteúdos são definidos, em Paulo Freire, a partir deste movimento que ele chama de leitura de mundo, ou seja, conhecer a realidade com a qual se vai trabalhar é uma questão fundamental.



# Você sabe o que é o método dialógico?



Praticado, divulgado e defendido por Paulo Freire, o método dialógico propõe uma educação humanizadora a serviço de todos, abrindo caminhos para que o ser humano possa usufruir do direito de viver melhor. A educação, nessa abordagem, é realizada por meio da problematização da realidade, tendo como base o diálogo.

Freire (1979, p. 30) afirma que, *“quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio desta realidade e procurar soluções.”*

Mas afinal o que é problematizar? Problematizar é, a partir da realidade concreta do sujeito, criar o conflito cognitivo que o leve a recorrer a essa realidade, identificando o que precisa ser mudado nela e, com base em um referencial científico, buscar os conhecimentos necessários para, primeiro,

compreendê-la, e posteriormente intervir nessa realidade.

Nesse processo de apreensão da realidade, o diálogo é fundamental, pois é por meio dele que as pessoas se comunicam, se entendem, constroem conhecimentos. É nessa perspectiva que o professor deve se manifestar, na forma horizontal, falando aos outros não de cima para baixo como se fosse o portador da verdade. A final ninguém é melhor que ninguém. *“O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.”* (Freire. 1996, p.113).

Na educação problematizadora, Freire se contrapõe à educação tradicional; o aluno, assim como o professor é protagonista, em sala de aula, investigando os problemas apresentados e com o auxílio do professor, ele transforma seu conhecimento de mundo (senso comum) em um conhecimento epistemológico. Por outro lado, o professor em

respeito aos alunos não se omite diante dos questionamentos, assume suas convicções políticas, sem impô-las aos alunos. Instiga-os a confrontar dados de realidades diversas para a partir das leituras feitas construir suas próprias convicções.

Neste sentido, Freire (2011) afirma que

*O educador, como tarefa primeira, tem que ter uma definição sobre seu papel, saber porque ele deve existir (ou não). Se não tem convicção disso, como pode educar? O específico do educador não se restringe à informação que oferece, mas exige sua inserção num projeto social, a partir do qual desenvolva a capacidade de desafiar, de provocar, de contagiar, de despertar o desejo, o interesse, a vida no educando para que possa se dar a interação educativa e a construção do conhecimento, bem como a instrumentalização, para que o educando possa continuar autonomamente a elaboração do conhecimento.*

Desta forma, o método dialógico é uma forma democrática de ensinar, formando as pessoas para refletir sobre elas mesmas, sobre o mundo e para agir no sentido de transformá-lo. Nessa linha de atuação, o saber é patrimônio de todos, não de poucos.

# A pedagogia crítica - Paulo Freire

Segundo Paulo Freire, o ser humano é um sujeito concreto que sofre influências intensas do contexto social onde vive, de modo que na construção de sua identidade forças sociais pesam sobre ele de tal modo que o condicionam em seu agir. No entanto, o fato das estruturas sociais serem um grande obstáculo, não significa dizer que o homem não tenha condições de superá-la. O homem não nasceu preso a um determinismo de infortúnios, sua passagem pelo mundo não é predeterminada e preestabelecida. Contrário a isso, o homem na concepção de Paulo Freire nasceu determinado a aprender, programado para superar as dificuldades.

No entanto, para que isso ocorra a participação dele no processo de transformação é fundamental.

A pedagogia crítica de Paulo Freire busca contribuir para que haja uma educação voltada à libertação do sujeito das amarras dominantes da sociedade vigente, e ao pleno exercício de seus direitos enquanto cidadãos, buscando uma sociedade mais justa, igualitária e, conseqüentemente, democrática. Um dos pilares dessa pedagogia é o diálogo.

# E andragogia, você sabe o que é?

*“É a arte ou ciência de orientar adultos a aprender.”*

(Malcolm Knowles)

*“A arte de causar o entendimento.”*

(Franklin Wave)

Andragogia é a arte ou ciência de orientar adultos a aprender. Essa é a definição cunhada na década de 1970 por Malcolm Knowles. O termo remete para o conceito

---

de educação voltada para o adulto, em contraposição à pedagogia, que se refere à educação de crianças (do grego paidós, criança).

Na ação pedagógica dessa concepção educativa, o foco principal como instrumento de trabalho do professor é a experiência de vida das pessoas. Isso porque o adulto, diferente da criança, tem leitura de mundo bem mais precisa, logo é natural que dependendo das informações que chegam até ele, podem ser questionadas de forma incisiva. Portanto, não é de se estranhar um caminho diferenciado no ensino aos adultos, um caminho educacional que considere as especificidades de aprendizado desses adultos.

## ANDRAGOGIA: Uma estratégia de ensino

Encontramos no estudo de Barros (2018) discussões, em torno da relação pedagógica, defendidas por Knowles, em que são destacados os contrapontos

dessa teoria em relação à de Freire. Para a autora, a andragogia trabalha com um ensino voltada para atender as necessidades de aprendizagens imediatas do aprendiz, com a intenção de que com o conhecimento adquirido, ele possa resolver tarefas e solucionar questões a curto prazo. A exemplo de aprender a ler e a escrever o básico a fim de que possa sair do mundo do analfabetismo. Já no modelo freiriano, a construção desse conhecimento acontece a partir de uma atitude curiosa da sua história e do mundo para se *“envolverem gradualmente em uma análise crítica da realidade, em sentido mais lato e complexo, pelo que o sentido se constrói visando ao longo prazo.”* (BARROS, 2018, p. 12)

A abordagem andragógica desenvolve um trabalho em que o indivíduo não é levado a aprender a partir de seu estar no mundo e dos problemas enfrentados por ele, bem como atribui ao professor um papel bem mais restrito do que no modelo dialógico. Freire (1996, p.23) propõe que na relação professor-aluno haja uma comunicação, na horizontalidade, em que a construção do conhecimento é dado na mão dupla, *“ensinar inexiste sem aprender e vice-versa[...]”*.

Barros (2018) traz também pontos em comum entre as concepções teóricas e epistemológicas de ensino propostas por Knowles e Freire. Ambas concepções

reconhecem as características fundamentais do aluno adulto no processo de ensino e aprendizagem, entre elas, a sua independência. Por esse motivo, o trabalho do educador passa sobretudo por estimular e alimentar a capacidade permanente do educando não só de aprender, como também de construir em si uma postura autônoma.

Desta forma, é possível perceber que o modelo andragógico, pelas características que coadunam com o modelo da dialogicidade de Freire, pode servir como apoio no trabalho do professor. No entanto, a proposta de Paulo Freire é mais completa, uma vez que aprender, nesta concepção, é algo em que o indivíduo constrói nas relações estabelecidas socialmente.

**Professor(a), a ANDRAGOGIA está mais voltada para o ensino do imediato, ou seja, daquilo que o aluno precisa aprender para resolução de problemas a curto prazo, tanto na área da leitura como a do cálculo matemático.**

Já o método DIALÓGICO, em sua proposta de ensino o método é pautado na cultura, no fazer diário, na vivência do aluno como ponto de partida para que esse aluno se perceba como um integrante da sociedade, capaz de pensar e de intervir nos problemas ao seu redor. O aprendizado adquirido é mais elaborado e consistente.

**Professores, para se trabalhar com a educação profissional na modalidade de Jovens e Adultos é imperativo que levemos em consideração o reconhecimento da origem social de seus integrantes, dar atenção à mediação pedagógica na transposição de conteúdos e, por fim, saber selecionar o que é ou não importante que eles estudem. Assim, os discentes terão mais condições de tomarem decisões sem serem intimidados pelo meio social onde vivem, pois a educação terá feito o seu papel de os ajudar a “aprender a pensar” a sua própria realidade.**

# Aprendizagem autodirecionada - Malcolm Knowles

Malcom Knowles é considerado o “pai da andragogia”, tal a sua influência na disseminação dessa perspectiva sobre como os adultos aprendem. Segundo esse autor, a andragogia está associada a alguns pressupostos básicos sobre os alunos adultos:

<b>A NECESSIDADE DE SABER</b>	Os adultos não se abrem ao novo, enquanto não souberem as razões do porquê têm que aprender algo. Para investir seu tempo e sua atenção em uma proposta educacional, eles precisam avaliar quais são os benefícios em termos de qualidade de vida ou melhoria no desempenho profissional e as consequências negativas caso não aprendam.
<b>AUTOCONCEITO</b>	À medida que uma pessoa amadurece, ela deixa de ser dependente para se tornar um ser humano autodirecionado. O adulto se vê como responsável por sua própria vida e por suas decisões, e quer ser visto e tratado pelos outros como capaz de se autodirigir.
<b>EXPERIÊNCIA</b>	O adulto acumula um conjunto de experiências que se torna uma fonte inesgotável de aprendizagem. Por essa razão, a ênfase da educação de adultos deve estar nas técnicas que partem da experiência dos aprendizes para realizar discussões em grupo, exercícios de simulação, atividades de resolução de problemas, estudos de caso e métodos de laboratório, em vez de técnicas meramente transmissivas.
<b>PRONTIDÃO PARA APRENDER</b>	O adulto se engaja em aprender aquilo que poderá ajudá-lo a solucionar problemas da vida real e a desempenhar seus papéis sociais. Assim, conforme ele amadurece, sua prontidão para aprender se torna cada vez mais orientada ao desenvolvimento de tarefas.
<b>ORIENTAÇÃO PARA APRENDER</b>	Contexto é a palavra-chave na hora de trabalhar determinado conteúdo, pois assimilamos mais facilmente o que é ensinado, quando o professor contextualiza o tema da aula. Neste princípio, deve-se estimular mais aprendizagens baseadas em problemas a superação de desafios e as abordagens mais práticas, bem como não esquecer de contextualizar um assunto antes de abordá-lo, mesmo durante e depois.
<b>MOTIVAÇÃO</b>	Fatores extrínsecos como melhores cargos, promoções, aumentos salariais etc. despertam o interesse do adulto, porém, os fatores motivacionais mais poderosos são os intrínsecos, como o desejo de obter maior satisfação no trabalho, autoestima e qualidade de vida.

# Método Andragógico - A. Krajn (1993)

Propõe um ciclo estruturado em cinco fases que deve ser observado e aplicado pelo professor.

<b>1ª FASE</b> Identificação das necessidades educativas	O andragogo tem que identificar as verdadeiras necessidades educativas dos adultos. Estabelecem-se metas e objetivos com a finalidade de satisfazer as necessidades individuais e sociais do sujeito;
<b>2ª FASE</b> Planificação do programa	A eficácia da educação de adultos depende, quando a iniciação da formação, se tenha em conta a experiência prévia e o nível educativo dos alunos. O programa deve estar aberto a mudanças que poderão surgir quando se revelam novas necessidades educativas;
<b>3ª FASE</b> Planificação dos métodos	Devem estar adequados aos hábitos e às técnicas dos adultos;
<b>4ª FASE</b> Aplicação do programa	Essencialmente o trabalho em grupo, porém o estudo independente também permite aos indivíduos uma maior responsabilidade pela sua própria aprendizagem;
<b>5ª FASE</b> Avaliação dos resultados e rediagnóstico da aprendizagem	Tendo em conta que a educação de adultos se firma como uma espiral de ciclos andragógicos, orientados para um objetivo educativo definitivo que, na realidade, nunca se consegue alcançar, uma vez que se centra no «pleno desenvolvimento do ser humano», torna-se difícil a sua avaliação.



## LEITURA COMPLEMENTAR

### Trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica e no PROEJA.

OTO SHIROMA, Eneida. FILHO, Domingos Leite Lima.

Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302011000300007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000300007)

## SAIBA MAIS

### Os desafios da educação de jovens e adultos

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=u1X65l0uZxc>



Os desafios da Educação de Jovens e Adultos

### Educação em Pauta - Dante Henrique Moura

Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=3&v=7JdxLkyaUnU&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=7JdxLkyaUnU&feature=emb_logo)

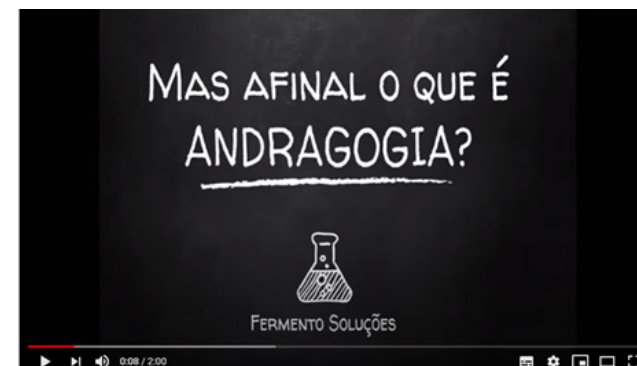


Educação em Pauta 202 - Dante Henrique Moura

### Andragogia

Disponíveis em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QCUDcU6jIQU>




#SOLUÇÕES  
Andragogia

PARA

---

*Refletir*

- Professor (a) você se assume como sujeito da produção do saber?
- Como é a sua relação com os seus alunos?
- Você se pergunta sobre aquilo que ignora?
- Vale a pena lutar para que seus alunos aprendam?
- O que é aprender para você?
- Como se aprende?
- Para que aprender?
- Como ajudar o seu aluno a reelaborar aquilo que já conhece em um saber crítico e reflexivo?



*“O importante da educação não é apenas formar um mercado de trabalho, mas formar uma nação, com gente capaz de pensar.”*

*José Arthur Giannotti*



## EIXO 3

# EDUCAÇÃO E O MUNDO DO TRABALHO

Nesta seção, trazemos textos que discutem sobre a educação e trabalho como princípio educativo. A ideia é nos questionarmos como podemos trabalhar a educação e o mundo do trabalho com os estudantes da EJA, afinal dialogar com a realidade é o ponto de partida para se trabalhar no processo de ensino e aprendizagem com adultos. E ainda, sugerimos leituras complementares e vídeos de apoio com Acácia Kuenzer e Ricardo Antunes duas referências indispensáveis para quem quer se aprofundar nessa discussão.

## *Pensando sobre o tema:*

### Os operários



Operários - Tarsila do Amaral, 1933

### **Cidadão - (ZÉ RAMALHO)**

Tá vendo aquele edifício, moço?  
Ajudei a levantar  
Foi um tempo de aflição  
Era quatro condução  
Duas pra ir, duas pra voltar  
Hoje depois dele pronto  
Olho pra cima e fico tonto  
Mas me vem um cidadão  
E me diz, desconfiado  
Tu 'tá aí admirado  
Ou 'tá querendo roubar?  
Meu domingo 'tá perdido  
Vou pra casa entristecido  
Dá vontade de beber  
E pra aumentar o meu tédio  
Eu nem posso olhar pro prédio  
Que eu ajudei a fazer

**Professor(a), os textos a seguir buscam busca oferecer uma visão acerca da temática tratada neste eixo: a educação e o mundo do trabalho**

## **A Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho**

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino cujo objetivo é permitir que pessoas adultas, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade convencional, possam retomar seus estudos e recuperar o tempo perdido.

Oferecer a modalidade EJA nos dias de hoje requer um novo pensar acerca das políticas educacionais e das propostas de (re)inclusão desses educandos nas redes de educação pública do nosso país. O que se tem pensado até o momento é que o trabalho pedagógico desenvolvido neste seguimento de ensino deva ser de cunho eminentemente alfabetizador. No entanto, alfabetizar é somente a

primeira parte do processo. O que não se pode é pensar que só alfabetização poderá garantir desenvolvimento social deste educando.

Para uma pessoa adulta que retoma seus estudos, o desejo maior é o de se preparar para o trabalho, de ter autonomia e de se dar bem profissionalmente. A abordagem metodológica neste sentido não deve ser desenvolvida com os mesmos parâmetros utilizados para se trabalhar com crianças. Um aluno com idade de 30 anos, por exemplo, retomando os anos escolares correspondente ao 4º ano do ensino fundamental não se interessará por uma atividade caracterizadamente infantil. Daí a necessidade de abordar conteúdos equivalentes, mas com uma linguagem adulta e que vá ao encontro daquilo que esse público deseja.

A educação é o maior e melhor instrumento gestor de mudança, através dela o homem consegue compreender melhor a si mesmo e ao mundo em que vive, dessa forma, a própria educação deve ser a primeira

a aceitar e a acompanhar o desenvolvimento e suas especificidades, ou seja, renovar e promover a interação com o novo.

O Brasil já deu um grande passo nas questões que se referem à alfabetização de jovens e adultos, embora continuemos dentro da escola dos países com maior taxa de analfabetos. E o problema, como já mencionado, é que o adulto que procura a escola não quer apenas aprender a ler e a escrever, ele quer e necessita de atualização com o contexto social em que vive e faz parte.

A defasagem escolar é grande, segundo a Lei 9.394/96 art. 37 “a educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento”, dessa forma, e se realmente acontecesse o que está previsto em lei, teríamos muito mais jovens dentro das escolas. Em consequência do desemprego, a busca pelo ensino profissional e técnico aumentou

significativamente. O jovem quer trabalhar, mas falta qualificação e oportunidades, principalmente a de concluir a educação básica e ter parcial domínio das novas tecnologias.

[...]

Em suma, o importante é que (re) pensemos nosso conceito de educação para jovens e adultos; fome de ler e vontade de aprender eles têm, só que de uma maneira mais ampla, característica de quem já tem experiência de vida, que necessita de bem mais que a própria escrita e leitura convencional, necessita de, acima de tudo, ler as entrelinhas impostas pela problemática de ser e estar plenamente exercendo a cidadania.

Texto retirado do caderno de Orientações Curriculares **CADERNO DE ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM PRISÕES**. Secretaria de educação de Recife- 2018

*A vivência dos alunos é muito maior, eles podem não ter o domínio da escrita, da correção, da clareza e da coesão como os adolescentes têm, mas têm uma vivência e colocam essa vivência ali no que fazem*

Professora Isabel,  
entrevista, 11/10/2019

# O Trabalho

Ao pensarmos em “Educação pelo trabalho” ou em “Trabalho como princípio educativo”, a primeira questão com a qual nos deparamos está relacionada à condição e percepção do que é trabalho. Não cabe aqui uma digressão sobre a origem do conceito trabalho, nem de todos os seus vários entendimentos através dos tempos. Pretendo apenas considerar alguns aspectos que entendo relevantes dentro do contexto da nossa reflexão.

Nas sociedades primitivas, o trabalho tinha como característica principal ser solidário e coletivo. A produção era apropriada por todos. Com o advento da economia de mercado, o trabalho deixou de ser o espaço social de construção do sentimento de tribo, de comunidade, passando a ser tão somente uma mercadoria que, a partir do momento em que é comprada por quem detém o capital, aliena o trabalhador da complexidade do processo de trabalho e também dos seus resultados.

Dessa forma, embora o trabalho seja responsável pela construção da nossa própria humanização, não se constitui, necessariamente, no nosso tempo em um valor humano positivo.

*“Tudo o que é sólido,  
se desmancha no ar”  
Karl Marx*

O trabalho pode ser emancipador, mas pode também ser um instrumento que submete e até mesmo escraviza o ser humano. O trabalho pode ser responsável por gerar prazer para alguns, mas também pode ser responsável por gerar pesadelo e sofrimento para outros. E tudo isso independentemente da qualidade do trabalho ou mesmo do seu valor social.

Outro aspecto relevante relacionado ao conceito de trabalho é que, quando fazemos referência a ele, quase sempre adotamos o conceito de “trabalho produtivo”, isto é, aquele trabalho que produz um bem que tem valor de mercado, que gera ganho monetário. Assim, o trabalho doméstico é desconsiderado, resultando em grande injustiça, não exclusiva, mas especialmente, para as mulheres.

A mesma coisa acontece com o trabalho realizado por membros de comunidades periféricas ou mais pobres. Na economia de mercado, os trabalhadores não têm controle sobre o seu trabalho. Apenas e tão somente podem vender a sua força de trabalho. Essa distinção entre trabalho e força de trabalho foi proposta por Marx, que definiu trabalho como sendo tanto o processo como o resultado do trabalho.

Na economia de mercado, o trabalhador não tem controle nem sobre uma coisa, nem sobre outra. Ele não vende o produto que fez ou ajudou a fazer, isto é, o resultado do seu trabalho, assim como não tem controle sobre o processo de produção. Ao comprar força de trabalho, aquele que detém o capital utiliza-a, de acordo com seus interesses, para produzir bens com valor de mercado.

O trabalhador pode dispor apenas de seu potencial de tempo. Vendendo o seu tempo, o trabalhador abre mão de exercer qualquer possibilidade de controle ou intervenção nas complexas relações que se estabelecem entre o indivíduo e o mundo no processo de trabalho.

Entretanto, mesmo com todas essas contradições, e ainda segundo Marx, o trabalho “é a condição indispensável da existência do homem, uma necessidade eterna, o mediador da circulação material entre o homem e a natureza” (Marx, 1987). Sendo uma “necessidade eterna”, condição de sobrevivência, estará sempre presente nas comunidades humanas, entendidas aqui nas suas várias formas. Por isso, o trabalho é o caminho de construção da identidade, e o homem constrói a sua identidade pelo trabalho. Dessa maneira, forma-se através do trabalho e o trabalho é o princípio da sua formação.

Referência:

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, 1987

## O Mundo do Trabalho

A necessidade de inserção no mundo do trabalho e nos espaços de participação da vida social leva comumente muitos jovens e adultos às unidades educacionais e espaços educativos. Se por um lado jovens e adultos, que não tiveram acesso e/ou permanência à escola, buscam restabelecer sua trajetória de modo a readquirir a oportunidade de maior inserção social, de outro, o currículo da EJA não pode ser moldado em função apenas das demandas que o mercado de trabalho impõe.

Para que a educação adote essa perspectiva é necessário que os educadores tenham uma visão crítica e propositiva para estabelecer conexões entre os projetos de vida dos educandos e o currículo da unidade educacional e dos espaços educativos.

É possível organizar situações nas quais educadores e educandos compartilhem e discutam as relações e valores que se

estabelecem no mundo do trabalho, por meio de temáticas e práticas educativas que ultrapassem apenas a lógica da preparação para o mercado de trabalho.

Vale lembrar também que a educação formal cumpre um papel chave para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea marcada por grandes mudanças e inovações nos processos produtivos. Ela possibilita ao indivíduo expandir seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Educação de Jovens e Adultos. Educação de Jovens e Adultos : princípios e práticas / Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo : SME / DOT, 2016, páginas 31/32.

Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/27722.pdf>



## LEITURA COMPLEMENTAR

### **Sentidos atribuídos ao trabalho na sociedade contemporânea e as repercussões na subjetividade do trabalhador.**

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos. LEDA, Denise Bessa.

Disponível em :

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/45047/751375138736>

### **O trabalho como princípio educativo.**

KUENZER, Acácia Zeneida.

Disponível em:

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1118>

### **Os dilemas do trabalho no limiar do século 21**

de Ricardo Antunes

Disponível: <https://revistacult.uol.com.br/home/os-dilemas-do-trabalho-no-limiar-do-seculo-21/>

### **Século XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho?**

de Ricardo Antunes.

Disponível em:

<https://projetoaletheia.files.wordpress.com/2014/08/seculo-xxi-era-da-precarizacao.pdf>

# SAIBA MAIS

## Vídeo palestras com Acácia Zeneida Kuenzer

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=OoRPX-IBmIY>



Acácia Kuenzer: O trabalho como princípio educativo

## Ricardo Antunes: Trabalho intermitente e o trabalhador hoje no Brasil



Ricardo Antunes: Trabalho intermitente e o trabalhador hoje no Brasil

# O valor da transformação

Professor (a), leia com os alunos o seguinte texto da psicóloga Maria Fátima Olivier Sudbrack, que aborda o trabalho como forma de participação social:

Quando trabalhamos, não somos apenas profissionais vendendo serviços, mas pessoas que se dedicam a algo, investindo sua energia, sua força, sua competência; neste processo, aprendemos e nos transformamos - e transformamos o mundo. O trabalho, então, está diretamente relacionado à nossa identidade, pessoal e social, pois por meio dele nos desenvolvemos e construímos nossa imagem como cidadãos produtivos e, portanto, úteis para a sociedade. É preciso difundir esta visão do trabalho como forma de participação e de construção social a partir de um compromisso pessoal. Não é fantástico imaginar o trabalho como um instrumento de possibilidades transformadoras da sociedade e do próprio trabalhador? (SUDBRACK, 2005)

SUDBRACK, Maria F. O. O valor da transformação. In: site da Revista Onda Jovem, 2005.

Disponível em: <https://issuu.com/ondajovem.com.br/docs/oj2>

## « **IMPORTANTE SABER** »

### **TRABALHO X EMPREGO**

Qual a diferença entre eles?

#### **TRABALHO**

Vai além da necessidade financeira, trata-se de um caminho para a realização pessoal

**X**

#### **EMPREGO**

Cargo ocupado em uma empresa ou instituição, em que o trabalho é devidamente remunerado.

*Não sei como explicar, mas o que eu sinto é que... eu não sou religioso, não acredito em Deus, sou ateu, mas acho que toda pessoa quando vem para a Terra, ela tem uma missão e, eu acho que a minha missão é de ensinar.*

Professor Vagner,  
entrevista, 11/10/2019

*Aqui eu não dou aula com datashow, não! Aula com datashow é enganação. Se eu for dar aula de Matemática, o datashow é excelente! Se for de Geografia, o datashow é excelente, maravilhoso! Se for dar uma aula de motores, prática de motores com datashow é enganação! Eu tenho que ter o motor, desmontá-lo e mostrar as peças para os alunos. Eles devem acompanhar a desmontagem, a montagem, e, depois, botar o motor para funcionar. Ai, sim, eles vão aprender, mas no datashow é só conversa fiada.*

Professor Vagner,  
entrevista 11/10/2019


PARA

*Refletir*

- Nós, professores, segundo, Marise Ramos<sup>xx</sup>, devemos olhar para a nossa própria formação que é a nossa especialidade, permitindo-nos a ver as coisas longe e com profundidade. Todavia, defende a pesquisadora, precisamos dialogar com diferentes campos epistemológicos e com outros professores como uma forma de apreender outras dimensões da vida concreta. Quando não ampliamos o conhecimento, a nossa formação fica fragmentada, o que limita a compreensão das determinações da vida pessoal e produtiva, assim como o significado do exercício profissional para si e para a sociedade.
- Professor (a), como você se percebe enquanto profissional da educação, uma vez que a precarização do trabalho docente é cada vez mais intensificada?
- Como você enxerga a realidade concreta sua e de seus alunos no mundo do trabalho?
- Você já pensou em trazer para sala de aula como objeto de estudo a condição de oprimido dos alunos nas relações de produção?

---

<sup>xx</sup> Análise do mundo do trabalho na contemporaneidade: contribuições para o currículo integrado na EJA. Live realizada no dia 18/08/2020, Acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=vpHrZQLpHmc>



*A base da Educação escolar é a pesquisa, não a aula. A pesquisa deve ser atitude cotidiana no professor e no aluno.*

Pedro Demo

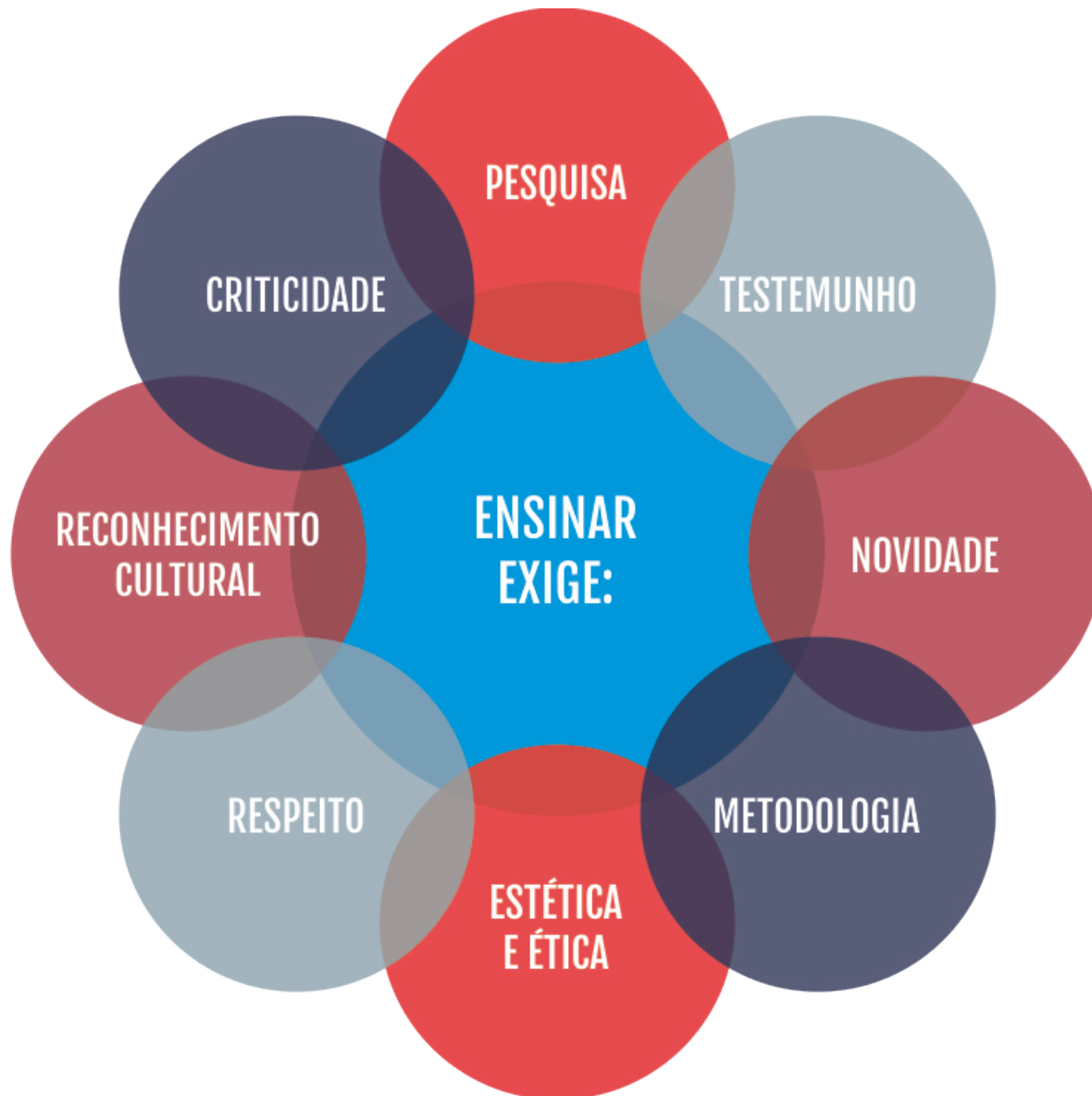


# EIXO 4

## SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA

Nesta seção, enfatizamos alguns dos Saberes necessários à prática educativa, defendidos por Paulo Freire, com o propósito de remeter ao professor uma reflexão crítica sobre sua ação pedagógica. Trazemos ainda, o papel do aluno e do professor no contexto do ensino e aprendizado.

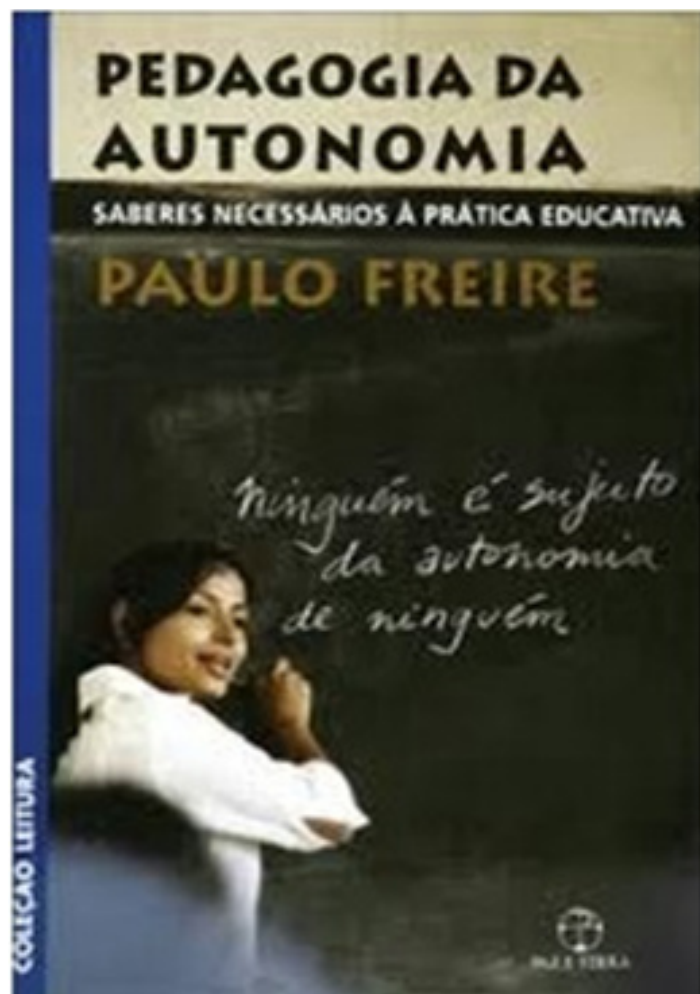
# Saberes Necessários à prática Educativa



É aqui que entra o papel fundamental da busca por meio da pesquisa. É por meio dela que o educador acaba por adquirir mais conhecimento, aprende a valorizar o que cada aluno traz na bagagem e aprende a respeitar os diversos pensamentos e culturas intercalados no limiar do ensino.

Nesse sentido, Paulo Freire nos ensina que:

*“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”*



Paulo Freire, na obra *Pedagogia da autonomia*, propõe práticas pedagógicas necessárias à educação como forma de construir a autonomia dos educandos, valorizando e respeitando sua cultura e seu acervo de conhecimentos empíricos junto à sua individualidade. Diferente do direcionamento atual, a prática pedagógica defendida por Freire segue um viés de que o humano é o centro das atenções educativas, não o mercado. Por esse motivo, “formar” é estimular os educandos a uma reflexão crítica da realidade em que estão inseridos, sendo protagonista de suas próprias escolhas, sejam elas pessoais ou profissionais.

Freire enfatiza alguns aspectos primordiais, porém nem sempre adotados pelas sociedade atual, como: simplicidade, humanismo, bom senso (ética em geral) e esperança, repudiando técnicas de ensino ultrapassadas e sem conexão com o contexto social e econômico do aluno.

# REFLEXÕES PEDAGÓGICAS FREIRIANAS

## Não há docência sem discência

Isso quer dizer o quê? Que não existe professor sem aluno. Ou seja, professor e aluno são dois lados de uma mesma moeda que se completam. Ambos não são objetos, mas sujeitos da sua formação que seguem aprendendo e ensinando permanentemente. Nessa relação, a docência se fundamenta na discência, isto é, só existe o mestre na medida em que ele se faz discípulo. Pois, antes de ensinar é preciso aprender. Daí se pode concluir que todo professor responsável e aplicado no que faz se caracteriza por ser um aluno de seus próprios ideais.

---

<sup>21</sup> Gnosiologia é parte da filosofia que estuda o conhecimento humano.

## Ensinar exige pesquisa

O que isso quer dizer? Quer dizer que como toda relação ensino-aprendizagem exige busca, interação e para que haja aprendizado e construção do conhecimento a pesquisa é o caminho seguro para alcançar esse fim.

O professor que pesquisa tem a seu favor o poder do questionamento, aguçando em seus alunos esse mesmo poder diante de realidades petrificadas como verdadeiras. Assim, conforme Paulo Freire, a docência, a discência e a pesquisa são inseparáveis, Ou seja, são práticas do ciclo gnosiológico<sup>21</sup>. O trabalho de pesquisa é uma atividade permanente do professor, mas é necessário que, em sua formação permanente, o professor se perceba como pesquisador e assume a dimensão da pesquisa com os estudantes.

---

## SAIBA MAIS

### Pesquisa na educação básica, com Pedro Demo

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FK87nDT-aEY>



## Ensinar exige corporeificação das palavras pelo exemplo

Quando Freire faz tal afirmação, ele está afirmando que palavras sem ações palpáveis são meros discursos sem vida. (não transformam, não modificam). Ou seja, a prática do educador precisa dialogar com as ideias por ele defendida, contrário a isso é enganação. O professor precisa estudar, pesquisar e a testemunhar para os alunos que isso é importante, assim, talvez sua ação poderá ser um farol àqueles que o observam. Durante o trabalho pedagógico, o educando percebe facilmente o hiato (quando há) entre o que o professor faz, diariamente, e o que ele defende como correto. Da mesma forma que identifica a coerência de suas atitudes com a sua fala.

*As palavras empolgam, o exemplo ensina.*

## Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação

Como ensina Paulo Freire, para educar e para se educar é indispensável manter um espírito de abertura e disponibilidade para o novo. E é claro que, ao trabalhar com a novidade, é preciso também que o professor aprenda a lidar com o risco com mais naturalidade.

As novas ideias, os novos métodos e mesmo as novas tecnologias não devem ser negadas ou acolhidas simplesmente porque são novas. E da mesma forma, o critério de recusa do antigo e do tradicional não depende apenas de uma questão cronológica.

Há coisas novas interessantes e outras problemáticas, assim como há muitas tradições vivas e criativas, e outras que são violentas, autoritárias e preconceituosas.

A escola tem o papel de contribuir na reflexão sobre essas questões, no estímulo à essa vitalidade do conhecimento acumulado e também na desconstrução das violências muitas vezes incorporadas de forma sutil nas relações sociais.

## SAIBA MAIS

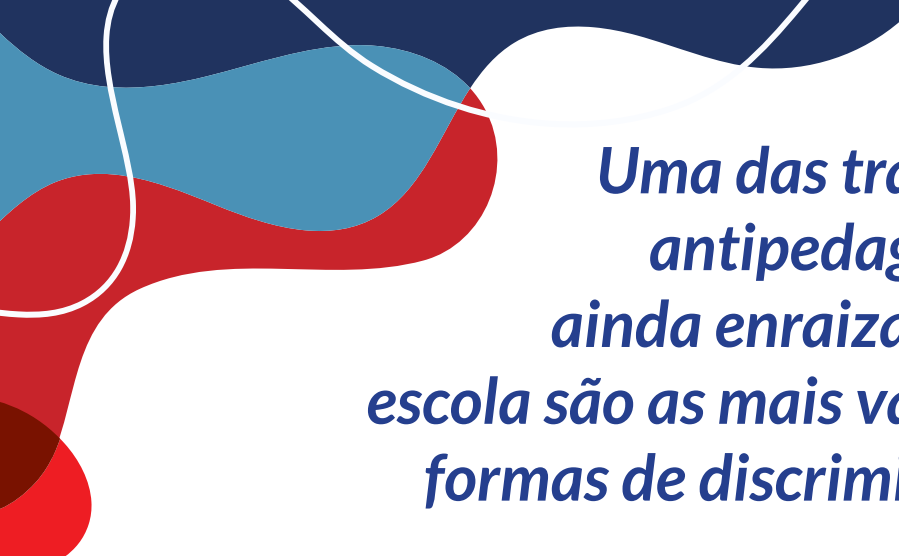
**Ensinar não é transferir conhecimento**

disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=vrwLeUwP4ho>



Capítulo 2 - Ensinar Não é Transferir Conhecimento - Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire



## *Uma das tradições antipedagógicas ainda enraizadas na escola são as mais variadas formas de discriminação.*

Os preconceitos raciais, de classe ou de gênero negam todos os esforços históricos pela construção de uma sociedade e de uma escola democrática e ofendem o que há de mais substantivo na humanidade: a sua diversidade.

### **Ensinar exige criticidade**

Para que se estabeleça essa criticidade, é necessário que a curiosidade nos impulse em direção aos desafios, e através da criatividade possamos superá-los e acrescentarmos algo a que fazemos.

Para Paulo Freire, entre o que o aluno sabe e o que ele não sabe não há uma ruptura, mas uma superação. E quando acontece isso? Quando o aluno por meio das condições criadas pelo professor, consegue reelaborar o que já conhece a partir de conhecimentos apresentados a ele. Assim, a curiosidade ingênua (conhecimento do

senso comum) se critica, tornando-se curiosidade epistemológica.

A curiosidade é uma característica, inerentemente, humana que funciona como uma mola propulsora que nos impele a seguir a diante. Como diz Freire, a curiosidade é a pedra fundamental que faz o ser humano perguntar, conhecer, atuar, e perguntar novamente. Assim, quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mais, epistemologicamente, ela vai se tornando.

Na mesma direção, onde se estabelece a curiosidade, surge a necessidade da pesquisa. Pois, primeiramente, desejo conhecer, para em seguida, a pesquisa se materializar, e conseqüentemente, ensinar. Sendo assim, o professor deve cumprir o papel de educador, sem deixar de lado sua parte curiosa, que busca encontrar respostas não conhecidas e que deseja ardentemente exercer sua função de problematizador/ perguntador.

### **Ensinar exige estética e ética**

Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando.” (p. 33)

***O Mundo não é, o mundo está sendo. O papel do ser humano não é só o de constatar o que ocorre, mas também o de intervir. Ou seja, o ser humano não é apenas o objeto da história, mas ele é o seu sujeito. Ninguém pode estar No mundo COM o Mundo, COM os outros de forma neutra.***

Para Paulo Freire, nenhum saber existe longe de um contexto moral. Ele defende a ideia de que, ao longo da história, as pessoas têm divinizado ou diabolizado saberes, personagens políticos e históricos, o europeu etc. trazendo com isso prejuízos ao aprendizado dos educando.

**Como acontece isso?** Quando sem critério com a verdade exaltamos ou rebaixamos uma determinada realidade, um fato, uma pessoas ou uma ideia etc.

### **Exemplificando:**

Geralmente vemos quadros belíssimos de algum momento de nossa história, como o Dom Pedro. Quadro grande e bonito produzido para divinizar um momento de nossa história trata-se da estética voltada para um fim.

É neste momento que o professor comprometido, eticamente, convida os alunos à reflexão proporcionando a eles perceberem que aquela estética não reproduz uma realidade. Todas as vezes que se discutir um saber, um conhecimento faz-se necessários indagá-lo como esse saber foi construído. Quais questões intrínsecas à realidade tratada?

## **Ensinar exige bom senso**

Mas o que é o bom senso? O bom senso é a sensibilidade que todo o educador deve ter; trata-se da capacidade de olhar para além das regras, do que dizem os regimentos e ver as condições que envolvem os processos de ensino-aprendizagem e o próprio contexto que envolve o aluno.

Essa capacidade de avaliação, para além das aparências, é baseada na capacidade de enxergar o outro, de ter empatia, de se importar com o aprendiz. Também requer uma vivência ética, a busca por equilíbrio e justiça – sem ser frio e legalista.

Todo professor exerce autoridade em sala. Ele toma decisões, orienta atividades, estabelece tarefas, cobra a produção individual e coletiva do grupo. Isso faz parte de seu papel. Não é sinal de autoritarismo; é obrigação do professor. Por outro lado, no cumprimento do seu dever, é fundamental transcender ao formalismo insensível que o faz recusar o trabalho de um aluno por perda de prazo, apesar das explicações convincentes do aluno.

Nem sempre uma segunda chance é displicência ou desinteresse em ensinar. Muitas vezes, acolher um aluno que parece ter falhado no percurso da aprendizagem é uma maneira de dizer a ele que vale a pena tentar de

*O ensino envolve afetos. O ato de ensinar e o de aprender não são mecânicos. Por isso, o bom professor sempre será aquele que vai além dos planos pedagógicos, dos regimentos institucionais... O educador é quem se importa com o aprendizado do outro e, para isso, exerce o bom senso – algo que não cabe em papel. Afinal, na busca da coerência com a própria dinâmica da vida, o bom senso é a transformação do amor ao saber e do interesse real pelo aluno numa prática virtuosa de educação.*

novo; é garantir o incentivo necessário que pode definir o sucesso futuro ou o fracasso do aprendiz.

Disponível em: <https://ronaldonezo.com/2020/01/20/ensinar-exige-bom-senso/>



## SAIBA MAIS

### Pedagogia da autonomia.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=4ztIgNQA0ww>

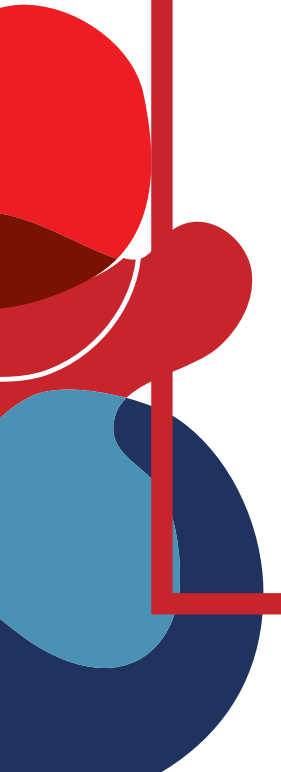


Dicas para a Prova Mérito: Pedagogia da Autonomia - Paulo Freire

[https://www.youtube.com/watch?v=vb0paMG\\_Aq0](https://www.youtube.com/watch?v=vb0paMG_Aq0)



Pedagogia da autonomia paulo freire



*A gente tem uma experiência longa de banco escolar que nos permite nos colocar no lugar do aluno e sentir como ele se sente. Se ele for um professor soberbo, arrogante que sai dizendo que os alunos não têm base, quem acaba não tendo base é ele, porque se ele, hoje, está na posição de professor é porque alguém confiou nele. Então cabe a ele lidar e procurar meios de passar aquela informação. Às vezes a gente vê professor dizendo, eu não gosto dessa turma porque não tem base ou não gosto da turma porque não tem conhecimento, porque é difícil de entender as coisas. Cabe ao professor trabalhar essas dificuldades, facilitando desta forma o aprendizado dos alunos. Um dia fomos alunos e conhecíamos pouco ou quase nada, no entanto aprendemos, por que eles não podem aprender? Sou um professor profissional técnico da área da mecânica e acho bem mais fácil ser um professor dessa área.*

Professor Robert,  
entrevista 14/02/2019

## O PAPEL DO ALUNO.

Dentro de sala de aula, além da figura do professor, há outra personagem em destaque: o aluno. Mas afinal, onde ele fica nesse enredo? Qual é a sua função no contexto da aprendizagem? Ao longo do percurso educativo, é comum observar que boa parte dos alunos, na maioria das vezes, agem ou são levados à passividade durante às aulas.

Na perspectiva de Paulo Freire, o homem é, naturalmente, um agente de mudança do mundo, no mundo e, que aprende sempre! Dessa maneira, esse homem não pode, nem deve renunciar o que lhe é inerente. No entanto, para que ele tenha uma posição de quem luta é mais do que necessário se apossar do conhecimento já existente, em um processo dialético, reconstruindo-o em outros saberes que o ajudarão a ser o homem que transforma e forma.

Olhando por esse viés, o aluno seja ele criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso, cada qual em sua fase, é programado para aprender e como tal é capaz de superar as

imposições sociais que o impedem de agir. Sendo assim, o aluno, em sala de aula, que se comporta como aquele que espera, sem preocupações com o seu aprendizado trai a sua própria natureza.

Aqui, então, vem a pergunta, qual é o papel do aluno diante de sua aprendizagem? Ele é um agente ativo e participativo do processo do aprender, tendo obrigações consigo mesmo diante do que é trabalhado pelo professor. Neste contexto, aluno enxerga o professor como alguém que contribui com ele, mas que não aprende por ele. Portanto, o papel do aluno diante de sua aprendizagem é de quem é protagonista de seu próprio desenvolvimento.



## Para Paulo Freire o aluno é aquele que:

- ▣ Sua vida não se faz no isolamento;
- ▣ Forças sociais agem sobre ele, mas é capaz de superá-las;
- ▣ Sabe que ninguém aprende por ele;
- ▣ Posiciona-se em busca do conhecimento;
- ▣ Aprende sempre;
- ▣ É protagonista de seu aprendizado, de sua vida;
- ▣ Politiza-se;
- ▣ Está em construção;
- ▣ Vai à procura do que precisa;
- ▣ É responsável;
- ▣ Sabe que tem obrigações e deveres;
- ▣ Não é um coitado.

*Ao ministrar aula para essa modalidade de ensino, o professor deve usar uma metodologia adequada à realidade dos alunos, proporcionando a eles avanço nos estudos, mas isso não significa, necessariamente, baixar o nível do trabalho ou retirar conteúdos*

Professor Oliveira,  
entrevista 22/11/2019



## O PAPEL DO PROFESSOR.

- ▣ O educador deve exercer sua autoridade e sua liberdade. Liberdade esta que deve ser vivida em sua totalidade com a autoridade em uma relação dialética, centrada em experiências estimuladoras de decisão e responsabilidade.
- ▣ O educador como um ser histórico, político, pensante, crítico e emotivo não pode apresentar postura neutra.
- ▣ Deve procurar mostrar o que pensa, indicando diferentes caminhos sem conclusões acabadas e prontas, para que o educando construa assim a sua autonomia.
- ▣ Ele deve respeitar a autonomia e a identidade do aluno;
- ▣ Ser pesquisador;
- ▣ O educador deve saber escutar, pois é somente escutando crítica e pacientemente que se é capaz de falar com as pessoas e, conseqüentemente, com os alunos.

- ▣ O educador não pode ver a prática educativa como algo sem importância, sendo preciso lutar e insistir em revoluções e mudanças.
- ▣ O educador não deve barrar a curiosidade do aluno, pois é de fundamental relevância o incentivo à sua imaginação, intuição, senso investigativo, enfim, sua capacidade de ir além.
- ▣ Não tolher a curiosidade do educando, pois quando isso acontece, acaba por tolher a própria curiosidade. “Sem curiosidade, não aprendo, nem ensino.”
- ▣ Jamais minimizar a liberdade, mas deve lembrar que a liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada. É decidindo que se aprende a decidir.
- ▣ Ter autoridade coerentemente democrática
- ▣ Respeitar a leitura de mundo do aluno não é concordar com ela, mas tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade

Fonte [https://www.passeiweb.com/estudos/livros/pedagogia\\_da\\_autonomia](https://www.passeiweb.com/estudos/livros/pedagogia_da_autonomia)



*“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”*

Paulo Freire


*É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.*

PARA

---

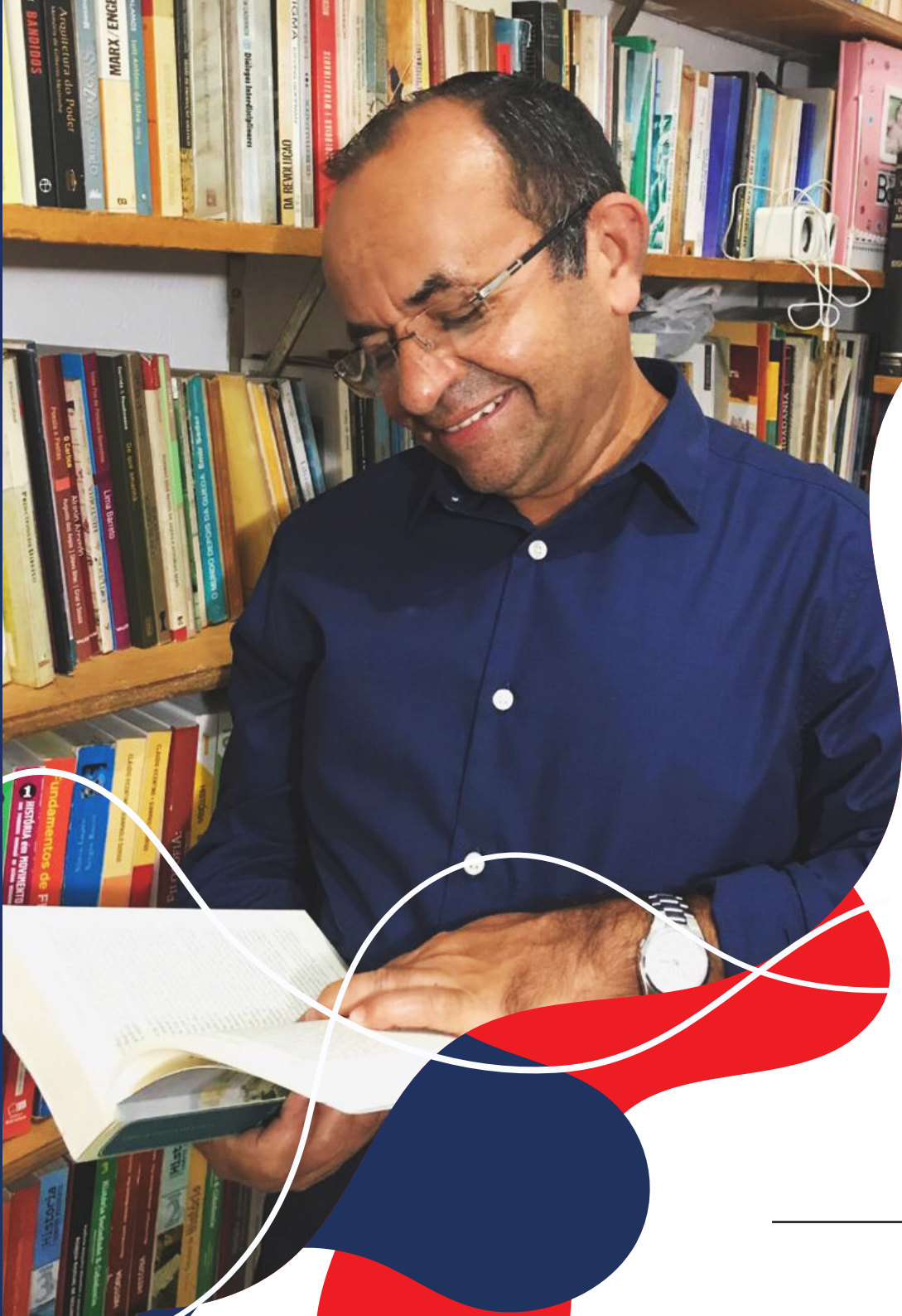
*Refletir*

- ▣ Professor (a) como você se avalia como aprendiz durante o seu percurso formativo?
- ▣ Como você enxerga o aluno trabalhador que chega cansado à espera de sua aula?
- ▣ O que é ensinar para você?
- ▣ O que é o ensino que você ensina?
- ▣ Por que você ensina?
- ▣ Você pratica o que ensina?



*É preciso estudar muito para  
saber um pouco.*

Montesquieu



## EIXO 5

# Histórias de vida: formas de ensinar e aprender

Nesta seção, trazemos a trajetória de vida de uma professora como ponto de partida para que o professor faça o mesmo com seus alunos. Pois, valorizar as histórias e as identidades dos jovens e e adultos requer conhecer a trajetória destes educandos. Assim, o educador, ao se sensibilizar com essas trajetórias, comunica o quanto a sua própria história de vida o fez ser como ele é: suas escolhas, seu modo de pensar, seu modo de ser professor. Acreditamos, portanto, que o educador da EJA, necessariamente, precisa se identificar e valorizar o que os educandos trazem no seu percurso de vida, transformando esse repertório em conteúdo escolar.

*O tempo corre,  
o tempo é curto:  
preciso me  
apressar, mas ao  
mesmo tempo viver  
como se esta minha  
vida fosse eterna.*

Clarice Lispector

## TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA

*“Percurso de vida também  
são percursos formadores”*

Moita, 2000, p. 134

Em 1987, eu chegava à cidade de Manaus em busca do novo ... Nascida no interior do Maranhão, e “crescida” em Pedro II, Piauí, trazia em minha bagagem muitas expectativas e nenhuma experiência profissional. O grande sonho era alcançar minha independência por meio do trabalho e, assim, pudesse adquirir o meu próprio sustento.

Olhando para o retrovisor de minha história quando ainda menina, vejo-me nos primeiros anos de vida escolar. Lembro de uma professora me dando um chute na perna por eu confundir o “J”

com “G”. Ela desconhecia, naquele contexto, que embora eu tivesse errado, como qualquer ser humano, (parafreando Paulo Freire) eu já era programada para aprender.

Como tantas outras crianças do interior do Nordeste e do Brasil afora, fui marcada por uma educação que pouco me daria acesso igualitário às oportunidades educacionais presentes no cenário brasileiro. Contudo, de modo algum, adequei-me à condição imposta pela herança social, econômica e política da classe social a que estava/estou submetida

Neste sentido, Freire (1997) chama atenção para o esforço de superação de certas heranças culturais que, repetindo-se de geração a geração, dão às vezes a impressão de que se petrificam. O autor reforça ainda a ideia de que o reconhecimento da existência delas são condições fundamentais para o esforço de mudança.

Minha memória me leva a visitar minha infância, época em que minha formação se inicia, que diferente de Paulo Freire, (Minha Primeira professora) não tive a mesma sorte de ter um pai e uma mãe que pudesse me assessorar em minhas atividades escolares, uma vez que eram semianalfabetos.

No entanto, assim como o grande pedagogo, tive a sorte de viver uma infância marcada pela presença forte da família, grupo responsável pela construção do cerne da identidade que me representa e, que, anos depois, já no fazer da docência, sintonizada com as ideias de Nóvoa (2009), na minha luta diária como professora, ensino aquilo que sou e, que, naquilo que sou se encontra muito daquilo que ensino. Ou seja, as dimensões pessoais e profissionais se amalgamam manifestando-se em meu fazer pedagógico.

As experiências vividas na infância e parte da adolescência foram ampliadas pelos estudos precários oferecidos no interior do Nordeste. Mais tarde, em

Manaus, ao cursar o ensino médio em uma escola pública, deparei-me com professores que na sua grande maioria não tinha o compromisso com o seu trabalho, no entanto, dois deles quebravam essa regra: Um, era o professor Ricardo, de Filosofia, que com a leitura da palavra me fazia compreender a leitura do mundo ao meu redor.

Lembro-me que ele partia das vivências dos alunos como ponto de partida para explicar o pensamento de alguns filósofos, levando-nos a compreender uma dada realidade. Contrariando à conduta da professora lá do primário que por eu errar me ridicularizou, Ricardo me estimulava com suas aulas de Filosofia que me levaram ao primeiro dez na prova, fazendo com que eu me visse como inteligente e capaz.

O outro, foi uma professora de Língua Portuguesa, que andava na contramão da maioria, cujo nome ainda está fresco em minha memória, Maria Auxiliadora. Era assim que era conhecida. Com textos curtos e sugestivos despertava na menina pequena e magra o gosto de querer aprender. Assim, a professora fazia o que a maioria deve fazer nas escolas: levar os alunos a não se apassivar diante dos textos. Com ela, até as regras gramaticais me pareciam fáceis de prender. Muito aprendi. Hoje, às vezes, me incorporo na professora com intuito de dar sentido às aulas que ministro, convidando os alunos ao universo do aprendizado.

Uma outra etapa formativa, que me instigou a superação, foi o período que antecedeu a minha entrada na universidade Federal do Amazonas. Nesse momento, eu fazia cursinho para os vestibulares. Parece contrassenso, aulas trabalhadas nesses espaços formativos são rápidas e maceteadas, mas mesmo assim, havia um professor de literatura, Lázaro era o seu nome, que dava aula com a alma, seu jeito alegre e apaixonante pelas obras me fizeram ler romances e a compreender contextos fascinantes retratados por escritores.

Tal como sugere Antônio Candido (1972) – a literatura como projeção da experiência humana, assim como a vida, ensina. Contudo querer que ela funcione como os manuais de virtude e de boa conduta é um erro, uma vez que ela traz livremente em si, indiscriminadamente, a própria vida. Segundo o autor, mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente o que as convenções desejariam banir.

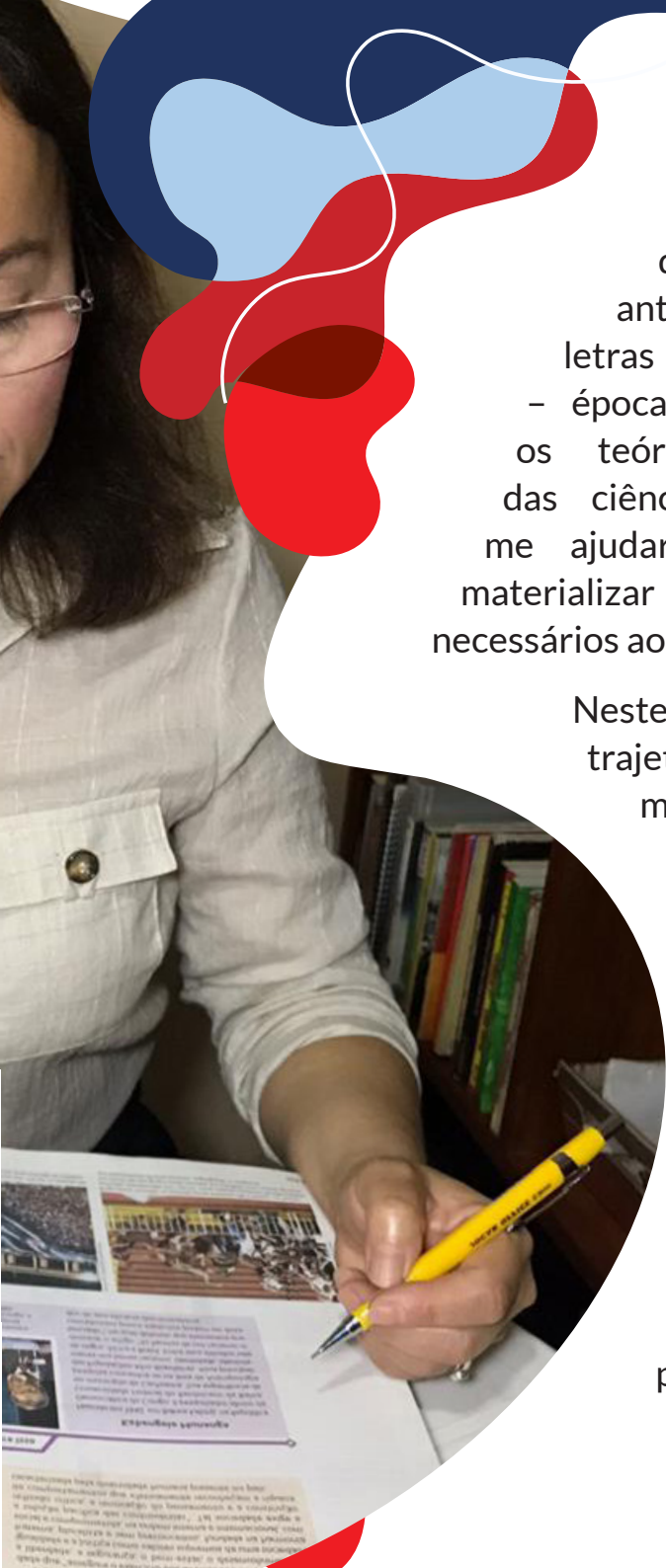
Ou seja, a literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial que segue princípios rígidos atendendo interesses de uma dada sociedade ou de grupos hegemônicos do

momento social para o reforço de sua concepção de vida. Ainda reforçando a ideia da literatura como força humanizadora, não como sistema de obras de reconhecido valor estético, Candido parte do princípio de que, por exprimir o homem, a literatura atua na própria formação do homem.

Então, posso dizer que a literatura, conforme defende o teórico, contribuiu significativamente para o meu processo formativo, de tal forma que foi, a partir das leituras feitas nesse campo de conhecimento, que dei meus primeiros passos para me apropriar de mundos sociais concretos. Nesse percurso, lendo obras relevantes, fui assimilando conhecimentos dos quais sigo dando continuidade à sua construção.

De forma estratégica, ingressei na Universidade





Federal do Amazonas, um fio condutor decorrente das etapas anteriores, para cursar letras - Língua Portuguesa - época em que passei a ver os teóricos e pesquisadores das ciências da educação que me ajudaram a mobilizar e a materializar saberes pedagógicos necessários ao universo da docência.

Neste contexto, a minha trajetória como sujeito no mundo do conhecimento me faz apropriar-me do lugar ocupado por mim neste mundo e a refletir sobre a minha própria formação na certeza de que ainda há muito o que aprender. Pois, eu, como professora de Língua Portuguesa, preciso dominar bem

os conteúdos da área específica visto que não se pode ensinar o que não se sabe.

Devo também ter o domínio sobre os saberes didático-pedagógicos para fazer as mediações necessárias ao processo de apropriação por parte dos estudantes. Todavia, (MOURA, 2014, p.36), o domínio desse campo científico e dos saberes didático-pedagógicos não bastam se o referencial é a formação humana integral, emancipatória.

Podemos dizer com Tardif (2014) que a prática dos professores não é somente uma aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também a produção de saberes específicos oriundo dessa prática. Ou seja, os professores possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas. E que, por trabalharem com seres humanos, organizados em grupos, “os professores não podem deixar de levar em conta as diferenças individuais, pois são os indivíduos que aprendem e, não os grupos.” (p.129)

Tardif (2014, p.21) parte do princípio de que os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem constituir o alicerce da prática e das competências profissionais, uma vez que essa experiência é, para o professor, a condição para a aquisição e

produção de seus próprios saberes profissionais. De fato! A experiência profissional constitui um alicerce para a aquisição e produção de outros saberes, entendendo estes como frutos de pesquisa, um dos eixos central dos Instituto Federais de Ensino.

Meu ingresso no Instituto Federal do Amazonas - IFAM- me fez perceber que eu não trazia no meu repertório os conhecimentos ao dialogar relacionados à problemática das relações entre trabalho e educação e ao vasto campo da educação profissional, assim como desconhecia a sua operacionalização em cada campus.

Ao iniciar o trabalho no Campus onde fui lotada, em Presidente Figueiredo, Município de Manaus-AM, a minha visão de trabalho era a mesma adotada na rede estadual, todavia, aos poucos fui percebendo que embora tivesse dezessete anos de sala de aula, na rede estadual, com alunos de ensino médio, o novo espaço no qual estava inserida se apresentava com particularidades de ensino bem específicas da qual eu precisaria me inteirar.

Encontramos em Nóvoa (2009, p. 16) e em Tardif (2014) explicações de como fui desvendando e compreendendo a organização do ensino no interior da Instituição. Nóvoa apresenta um dado que simboliza a concretude do meu agir. Para ele, o professor forma a si próprio na relação com os outros, numa aprendizagem

conjunta. E foi isso que aconteceu, na interação com colegas mais experientes e, no desenvolvimento do meu trabalho na relação direta com os alunos, fui percebendo a especificidade do ensino executado pelos Institutos Federais.

Ingressar no mestrado em ensino profissional ofertado pela própria instituição, foi uma forma de trilhar caminhos guiados pela pesquisa. E, ao dialogar com a própria pesquisa e com pesquisadores e teóricos que discutem sobre formação docente na educação profissional, pude transitar com mais segurança no campo onde atuo como professora.

Nesse movimento formativo, dialogar comigo mesma tem sido uma constante, pois a partir do momento em que me interrogo, constato a necessidade de seguir em frente, em busca de respostas para aquilo que pouco compreendo. Desta forma, a pesquisa tem sido uma parceira que, embora trabalhosa, tem me rendido bons frutos.

Para Larrosa (2002) , uma pessoa que não é capaz de se pôr à escuta, cancela seu potencial de formação e de transformação, isso porque, segundo Perrelli (2013) a (trans)formação do pesquisador se dá na e pela pesquisa somente quando ele se avalia em processo. Ou seja, quando o pesquisador tem uma atitude investigativa

sobre si mesmo, põe-se à escuta de si e ouve o que as coisas têm a lhe dizer.

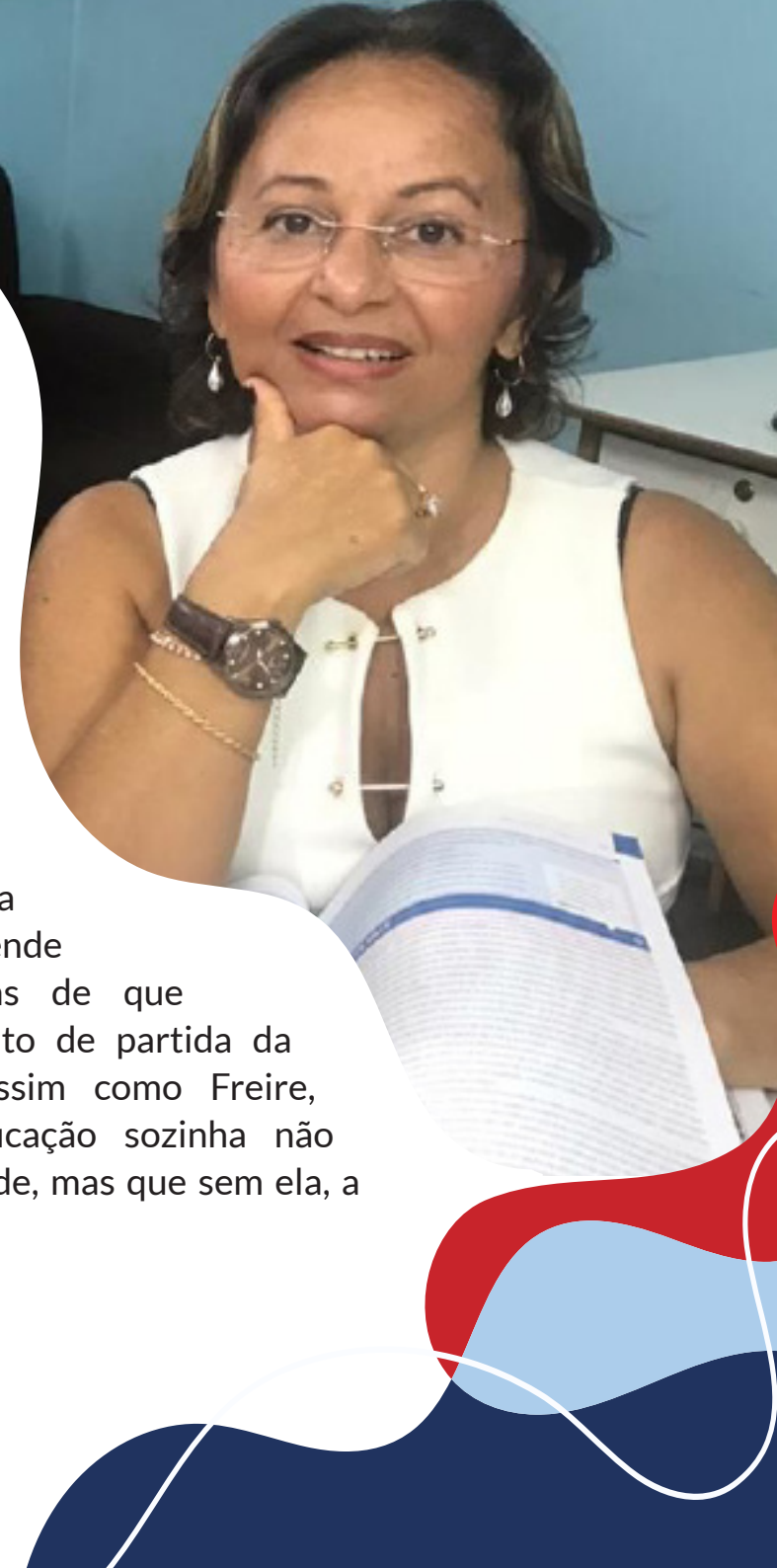
Deste modo, percorro o meu caminho formativo fazendo o que Josso (2004) aponta no seu trabalho de pesquisa sobre as “histórias de vidas”. Saio perguntando a mim na condição de formando: em que me apoio para pensar como penso? Como me constituí como sou? Como me transformei? De onde vêm as ideias que creio serem minhas? Com quem e como aprendi meu “saber fazer”? De onde vem meu linguajar, minha inspiração, meus desejos?

Com essas problematizações traço o meu próprio caminho e sigo na certeza de que necessito ter uma cultura científica muito mais vasta do que exige a minha área específica. Portanto, pensar a docência, assim como a vida, como elementos inconclusos nos instiga a buscar conhecimentos indissociáveis da vida humana.

Diante das interrogativas apresentadas anteriormente, reporto-me a outras interrogações trazidas por Fávero e Tonieto (2009), que me remeteram a reflexões sobre a minha própria trajetória. Entre estas indagações, estão: O que leva uma pessoa a ser o que ela é? O que leva um professor a ser o que é? Dialogando com as ideias defendidas

pelos autores, vejo, de um lado, a minha dimensão pessoal construída em um processo de relações sociais que me levaram/levam a fazer as escolhas que faço, ser o que sou.

De um outro lado, a profissional-docente que habita em mim, defende ideias humanizadoras de que a educação é o ponto de partida da mudança. E que, assim como Freire, acredito que a educação sozinha não transforma a sociedade, mas que sem ela, a sociedade não muda.





# Formação de professores para quê?

É comum quando vivemos em um quadro de desânimo e de cansaço não sentir que a luta valha a pena. Essa é uma concepção compartilhada por milhares de professores que cedo ingressaram na profissão e que por motivos variados veem o tempo passar, mas não percebem ou não sentem mudanças.

É bem verdade que *“o tempo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora, o amanhã já está feito. Tudo muito rápido”* (FREIRE, 2000, p. 109), mas não podemos nos resignar diante de determinadas fatos na vida, pois o professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de classe (FREIRE, 1996, p. 92).

Desta forma, a formação de professores torna-se elemento fundamental que deve ser forjada a partir de outro tipo de formação

que deve ser crítica, reflexiva e orientada pela responsabilidade social. Assim, talvez responda a indagação inicial. Formação para fazer jus ao nosso nome de professor (a), à nossa profissão, aos nossos alunos, mas sobretudo para contribuir com milhares de jovens de origem popular que veem no ensino a única saída possível da condição de pobreza.

Neste sentido, Moura (2008)<sup>24</sup> defende a ideia de que a formação docente, em especial para o PROEJA, deve ser focada em três eixos fundamentais: os conhecimentos específicos de uma área profissional; a formação didático-político-pedagógica; e a integração entre a EPT e a educação básica. Um ponto interessante nesse processo, é que esses eixos interagem permanentemente entre si, dialogando, de forma interrompida, com a sociedade em geral e com o mundo do trabalho.



## HISTÓRIAS DE VIDA COMO RECURSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

*“A experiência é um livro-texto vivo do adulto aprendiz”<sup>1</sup>*

Vejam, essa afirmação resume a centralidade do processo de ensino e aprendizagem do adulto. É a partir dela que ele se sente motivado a aprender, pois percebe que o assunto explorado dialoga com sua vida prática, impulsionando-o ao envolvimento com as atividades desenvolvidas em sala de aula. A questão é como descobrir em uma turma relativamente grande as experiências de vidas dos alunos?

Bom, se você, professor(a), iniciar uma pesquisa sobre Histórias de vida perceberá que muitos educadores pesquisadores utilizam como método investigativo na formação de professores, e ainda, utilizam também para se colocarem à escuta dos alunos com o propósito de identificar de forma honesta e espontânea as motivações intrínsecas e as necessidades de aprendizagem da turma.

---

<sup>1</sup> CAVALCANTI, R.A., Andragogia: A aprendizagem nos adultos. Rev. De Clínica Cirúrgica da Paraíba, n.6, Ano 4, Jul. 1999.

Por meio da técnica de perguntas, ou até mesmo em uma conversa informal é possível conhecer quem são os alunos com quem trabalha; por quais dificuldades passaram; qual a compreensão de mundo que trazem consigo; o porquê de estarem de volta à escola e até mesmo como costumam aprender. Falar menos e ouvir mais pode ser uma técnica interessante de conquista, de modo que haja o envolvimento dos alunos a se revelarem.

Os pressupostos andragógicos apontam que quando algo a ser discutido tem relação direta com nossas vidas temos esse caminho como a essência da educação de adultos, e eu, como professora com uma certa vivência, sigo essas orientações, por acreditar, assim como Paulo Freire, que conhecendo as experiências do aluno adulto é possível estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduo, proporcionando, desta forma, uma interação entre vida prática e conteúdos escolares.

Voltando a afirmação inicial do texto de que “a experiência é o livro-texto vivo do adulto aprendiz”, é fácil constatar por meio de nossas experiências pessoais e profissionais que, quando algo a ser discutido tem relação direta com nossas vidas, temos uma predisposição a nos envolver cada vez mais com o debate. Desta forma, é fácil entender também por que a aprendizagem do adulto está centralizada na vida, em suas experiências práticas.

## **Valorização das Histórias de Vida e Identidades dos Jovens e Adultos**

Certa vez, em uma roda de conversa sobre as histórias de vida, uma das alunas, contando sobre sua infância em uma fazenda no interior da Bahia, nos relatou seu cotidiano. Trabalhava na lavoura do plantio à colheita, fazia a refeição, cuidava da casa, ordenhava vaca, montava cavalo, nadava no rio, subia em árvores... Quando perguntada pelo motivo do retorno aos estudos, respondeu que como não sabia fazer nada, voltou a estudar pra ver se aprendia alguma coisa.

Valorizar as histórias e as identidades dos jovens e adultos requer conhecer a trajetória destes educandos. O relato acima traz uma questão que deve ser considerada pelos educadores e convertida em conteúdo escolar. Para tanto, é preciso que o grupo de educadores dê sentido e significado a essas experiências e

saberes para organizar o trabalho pedagógico sob outra perspectiva.

O educador, ao se sensibilizar com essas trajetórias, comunica o quanto a sua própria história de vida o fez ser como ele é: suas escolhas, seu modo de pensar, seu modo de ser professor. O educador da EJA necessariamente precisa se identificar e valorizar o que os educandos trazem no seu repertório de vida, transformando esse repertório em conteúdo escolar.

Do ponto de vista teórico/metodológico, a sistematização dessas muitas histórias necessita estar referenciada em marcadores identitários imediatos: a percepção de classe social, as questões étnico-raciais, de gênero, sexualidade, religiosidade, de procedência, deficiências, entre outros. Destes marcadores identitários diversos temas podem ser levantados e trabalhados.

Considerando que os temas extraídos dessas histórias são temas sociais, o educador deve promover com os educandos exercícios reflexivos, articulando-os em processos contínuos de distanciamento e aproximação com organizadores

institucionais sociais: educação, saúde, moradia, saneamento básico, segurança pública, cultura, lazer, mobilidade urbana, sustentabilidade, dentre outros.

É importante também que os educadores se questionem acerca da relevância social dos temas e onde se quer chegar com eles. Isso leva a uma articulação dinâmica entre os percursos de vida individuais e sociais mais amplos, conferindo-lhes sentidos para pensar o mundo em sua totalidade concreta, revelando o caráter estruturador das histórias de vida no cotidiano dos educandos e sua importância no currículo da EJA.

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Educação de Jovens e Adultos. Educação de Jovens e Adultos : princípios e práticas / Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo : SME / DOT, 2016, páginas 31/32.

Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/27722.pdf>

PARA

*Refletir*

- Adotar uma atitude investigativa sobre si mesmo, permite ao professor(a) a escuta de si e ouvir o que as “coisas” e as pessoas têm a lhe dizer. Portanto, pensar a docência, assim como a vida como elementos inconclusos nos instiga a buscar conhecimentos indissociáveis da vida humana.
- Professor(a), você já se perguntou, no seu percurso formativo, em que se apoia para pensar como pensa?
- Como você se constituiu na pessoa e no professor(a) que é hoje?
- Como se transformou e continua se transformando em sua própria história?
- De onde vêm as ideias que você acreditar serem suas?
- Com quem e como aprendeu o seu “saber fazer”?
- De onde vem seu linguajar, sua inspiração, seus desejos?

# PROPOSTA DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

## Orientações para o(a) professor(a)

Professor(a), seguem propostas de atividades que podem ser trabalhadas no contexto da sala de aula. Essas atividades permitem uma abordagem envolvendo todas as áreas do conhecimento.

É importante considerar que nossos estudantes apresentam diferentes formas de aprender, sentir, pensar e agir. Além disso, eles chegam às salas de aula com saberes e vivências que nos fazem repensar e ressignificar nossas formas de ler o mundo. Neste sentido, precisamos estar atentos/as para valorizar esses saberes e essas experiências de vida como ponto de partida para as situações de ensino e aprendizagem.

# ATIVIDADE 1

---

Leitura e uma conversa sobre a educação como direito de todos, tendo como base os trechos do O pão do direito à educação, de Agostinho dos Reis Monteiro

**Objetivo:** Reconhecer a educação como um direito de todos os brasileiros.

**Recursos didáticos:** Cópias do texto: O pão do direito à educação, de Agostinho dos Reis Monteiro

**Tempo Pedagógico:** 2 aulas

## **Atividade de leitura e discussão**

1. Em pequenos grupos, oriente a leitura e a discussão do texto.
2. No grande grupo, realize a socialização da leitura e da discussão do texto.

## **Questões:**

1. Estudante, como você percebe a prática da Educação como direito de todos na nossa sociedade?
2. Qual a sua opinião sobre os efeitos da educação na vida de uma pessoa?
3. Você concorda que o Estado tem obrigações de oferecer educação de qualidade para o povo?
4. Qual a sua opinião a respeito dos seguimentos sociais serem apontadas como prioridades a receberem educação?

# ATIVIDADE 2

---

**Objetivo:** Reconhecer a educação como um direito permanente.

**Recursos didáticos:** Cópia do texto: Educação de Adultos como direito humano - Moacir Gadotti

**Tempo Pedagógico:** 2 aulas

## Desenvolvimento da atividade

1. Convide os estudantes para, em pequenos grupos, lerem e discutirem o texto destacando pontos importantes, além dos significados das palavras desconhecidas
2. Em seguida, oriente os estudantes para registrarem os pontos importantes no caderno.
3. Convide os estudantes para, no grande grupo, socializarem os pontos importantes destacados nos pequenos grupos.

## Questões:

1. Estudante, o que é política pública para você?
2. Estudante discuta a afirmação do autor de que é preciso desenvolver novas formas de educação no sentido dela proporcionar à pessoa a conhecer a si mesmo e a ser melhor como ser humano.
3. Qual a sua opinião sobre a afirmação do autor de que o direito à educação não pode ser desvinculado dos direitos sociais, e que os direitos humanos são todos interdependentes?
4. Discutir no grupão a afirmação: “Não atender ao adulto analfabeto é negar duas vezes o direito à educação: primeiro, na chamada idade própria; depois, na idade adulta. Não há justificativa ética e nem jurídica para excluir os analfabetos do direito de ter acesso à educação básica.”

# ATIVIDADE 3

---

**Objetivo:** Discutir sobre a escola que temos e a escola que desejamos

**Recursos didáticos:** Cópia do texto “A Escola dos meus Sonhos”, de Frei Betto.

**Tempo Pedagógico:** 2 aulas

## Desenvolvimento da Atividade

1. Convide os estudantes para, em pequenos grupos, lerem e discutirem o texto destacando pontos importantes.
2. Em seguida, oriente os estudantes para registrarem os pontos importantes em uma cartolina.
3. Convide os estudantes para, no grande grupo, socializarem os pontos importantes destacados nos pequenos grupos.
4. Após isso, solicite que cada estudante expresse a sua opinião e o seu sentimento em relação ao fato de eles concordarem ou não com a escola desejada pelo autor do texto.

## Questões:

1. Estudante, além das questões percebidas durante a leitura do texto o que você compreendeu da afirmação do autor:

“Ali os alunos aprendem o texto dentro do contexto: a matemática busca exemplos na corrupção dos precatórios e nos leilões das privatizações; o português, na fala dos apresentadores de TV e nos textos de jornais; a geografia, nos suplementos de turismo e nos conflitos internacionais; a física, nas corridas da Fórmula 1 e pesquisas do supertelelescópio Hubble; a química, na qualidade dos cosméticos e na culinária; a história, na violência de policiais a cidadãos, para mostrar os antecedentes na relação colonizadores-índios, senhores-escravos, Exército-Canudos etc.”

2. O que você entende quando o autor fala da escola laica. O que é uma escola laica?

3. Qual a sua opinião sobre a escola abordar e discutir sobre todas as religiões, sem preconceito, respeitando o direito à crença de todos?

# ATIVIDADE 4

---

## Objetivo:

- Discutir as divergências sociais na sociedade brasileira.
- Refletir sobre a condição do homem sem dinheiro que apesar de ajudar a construir a sociedade da qual faz parte lhe é negado os benefícios de seu trabalho.

**Recursos didáticos:** impressão ou projeção da letra da música Cidadão (Zé Ramalho)

**Tempo Pedagógico:** 2 aulas

## Desenvolvimento da Atividade (sugestão)

1. Após a leitura do texto, professor disponibilize a música em vídeo para a turma. Ela é de fácil acesso no YouTube.
2. Terminada a leitura, seguida da apreciação em vídeo, estimule os alunos a conversarem no grupão sobre o que eles entenderam do que o autor retrata no texto. E se eles se identificam ou não com o pedreiro (eu-lirico) do texto.
3. A música é forte, ela aborda o preconceito e a discriminação que os nordestinos sofrem nas grandes cidades e faz referência a alguns problemas sociais. Quais são alguns desses problemas?

# ATIVIDADE 5

---

## Objetivo:

- Compreender, no contexto atual, a função social da Educação de Jovens e adultos- EJA
- Discutir a relação da educação e o mundo do trabalho.

**Recursos didáticos:** impressão ou projeção do texto: A Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho

## Desenvolvimento da Atividade (sugestão)

Após leitura e discussão do texto, somado com as ideias veiculadas no filme “Tempos Modernos” (está disponível no you Tube) promover um debate com a turma.

## Videoclip Charlie Chaplin Tempos Modernos.

Duração: 4’09”

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=XFXg7nEa7vQ>

Acesso em: 17 out. 2017.

## Perguntas para debate

- a) Como podemos trabalhar a educação e o mundo do trabalho com os estudantes da EJA/PROEJA?
- b). Como a prática docente pode contribuir para a formação e/ou aperfeiçoamento da formação profissional desses estudantes?
- c) Quais os desafios de se trabalhar a educação e a formação profissional, considerando a realidade formativa dos estudantes?

# ATIVIDADE 6

---

## Objetivo:

- Compreender, os vários sentidos atribuídos ao trabalho, na sociedade, ao longo dos anos.
- Discutir o trabalho como valor positivo e negativo.

**Recursos didáticos:** impressão ou projeção do texto: O Trabalho

**Tempo Pedagógico:** 2 aulas

## Desenvolvimento da Atividade (sugestão)

1. Convide os estudantes para fazerem a leitura compartilhada do texto, observando os parágrafos que lhes chamam a atenção.
2. Solicite que eles se organizem em pequenos grupos para discutirem entre si o parágrafo destacado, em seguida socializar a discussão.

“Dessa forma, embora o trabalho seja responsável pela construção da nossa própria humanização, não se constitui, necessariamente, no nosso tempo em um valor humano positivo.”

# ATIVIDADE 7

---

## **Objetivo:**

- Refletir sobre a importância do trabalho na vida do homem.
- Discutir o trabalho como princípio educativo.

**Recursos didáticos:** impressão ou projeção do texto O valor da transformação (página 74)

## **Desenvolvimento da Atividade (sugestão)**

1. Convide os estudantes para fazerem a leitura compartilhada do texto, observando os parágrafos que lhes chamam a atenção.

2. Estimule os alunos a refletirem sobre o sentido do trabalho em sua vida.

3. Discussão sobre a diferença entre trabalho e emprego, identificando semelhanças e diferenças entre os dois conceitos.

4. Discussão sobre o trabalho intermitente na reforma trabalhista. (ver vídeo / Ricardo Antunes)

## **Atividade complementar:**

Leitura da crônica: O trabalho danifica o homem de Flávio Montavani.

Disponível em: <https://foradepauta.com/cronica-o-trabalho-danifica-o-homem/>

# ATIVIDADE 8

TEXTO 01

## Crônica do Tempo

Rolando Boldrin

Pra mim o mundo é um relógio  
E, e o dinheiro é a mola que controla os relógios dessa  
vida

Se o senhor tivé tempo pra ouvir a minha história  
Eu começo lhe contando  
Que toda a minha vida foi um grande desencontro  
Entre o tempo do relógio e as oportunidades

Deus Nosso Senhor que perdoe  
A minha sinceridade como um segredo  
Mas inté hoje não entendi pru que é que  
Pra tudo na minha vida eu sempre  
Cheguei muito tarde ou muito cedo  
Pra começá nasci fora do tempo, sou de sete meses  
E se foi cedo demais pra dar dores  
E tristezas à minha mãe com essa minha pressa de nascê  
Foi tarde demais pra dar alegria ao meu, pai coitado

Ele morreu antes de me conhecê  
E aí começa o meu rosário com o tempo do relógio

Já na idade de ir pra escola foi um tormento  
Minha mãe, coitada, corria pra lá  
E pra cá comigo de mão dada  
E sempre recebendo o mesmo desengano, coitada  
Não pode, dona, só pro ano, é cedo ainda  
Ou então tarde demais, dona, as matriculas já tão todas  
fechadas

Com o tempo eu fui crescendo  
Já mocinho eu procurava emprego  
Porta de oficina, serviço diferente, coisa de pequena  
paga  
E aquelas palavras do tempo me seguindo  
Sempre acontecendo comigo como um relógio do  
destino  
Olha moço não tem vaga, se você tivesse sido esperto

Agora o quadro de funcionários já tá completo "  
Eu me lembro que inté pro amor eu me atrasei  
Quando pra aquela cabocla que eu gostava me declarei  
Ela falou pra mim, Você chegou tarde demais  
Já dei meu coração pra outro rapaz

Mesmo assim um dia me casei  
E desse casamento nasceu  
Um menino bonito que só vendo  
Foi a única coisa que me chegou na hora certa  
Porque ele foi a porta aberta pro meu riso  
Riso que eu já nem sabia mais como era o jeito  
Dei a ele o nome de Vitório, ia ser meu grande vingador  
Pra me vingá do tempo, me me vinga das hora  
Dos relógio e inté dos segundo e de tudo  
Me vingá dos donos desse relógio que é o mundo  
Vitório o meu grande vingador  
Vitório foi crescendo como pode  
Logo já tinha cinco ano e a vida, o tempo  
O tempo como um inimigo traidor sempre me espiando  
Um dia Vitório adoentou-se como acontece  
com quarqué criança e eu trabalhava num faz  
De tudo ao mesmo tempo

Pra nenhum remédio lhe fartá, eu tinha esperança  
Num dia só fui camelô, bilheteiro  
Entregadô de encomenda, jardineiro, tudo  
E chegava em casa moído e fedorento  
De suor pra lhe abraçá e lhe beijá  
E o coitadinho encuído, magrinho, dava dó, tava  
sofrendo

Então o douto truxe pra vê ele, é home bão  
Atencioso, que logo dispois de examiná falô assim  
Corre, vá depressa compra essa receita  
Seu filho não tá bãoquem sabe se com isso ele se ajeita  
E chacoalhando a cabeça foi-se embora  
Quem sabe aconsejando uma promessa

Como eu não tinha dinheiro pro remédio  
Dei de garra num véio despertadô lá de casa  
A única coisa de valor, pensando  
Que podia vendêr ele num brechó  
E saí correndo, bem correndo

Mas inté hoje não entendi pru  
Que ouvi uns grito na rua

Pega ladrão, pega ladrão  
E gente amuntando pro meu lado  
Quem sabe imaginando que eu era algum malfeitô  
E foi soco, bordoadada, pontapé  
E quando eu pude percebê já tava  
De pé na frente de um delegado

Doutô, meu filho tá doente, tá morrendo  
Por favô, eu tenho aqui uma receita ó, e supliquei  
chorando  
O tá delegado então acreditando falô pro guarda  
Pega o carro da rádio patrulha, leva o moço  
E me entregando um toco de dinheiro do seu bolso,  
arrematô  
Corre, corre, compra o tá remédio pro seu filho na  
farmácia  
Eu fui embora correndo, correndo  
Correndo comprei o remédio  
E vortei feito um raio, feito um raio lá pra casa  
Mas como sempre na vida eu corri contra o tempo, esse  
covarde  
Quando abracei meu filho é que eu vi  
Mais uma vez eu tinha chegado tarde

**Professor (a) no vídeo que segue é tratada a Crônica do Tempo, narrada pelo autor - Rolando Boldrin. (...) a narrativa em vídeo, o que ajudará os alunos a apreender melhor as ideias veiculadas no texto.**



Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=42&v=FzCU1AGhaq4](https://www.youtube.com/watch?time_continue=42&v=FzCU1AGhaq4)

## **Leitura e discussão das ideias veiculadas no texto: Crônica do Tempo de Rolando Boldrin**

### **Objetivos:**

- Sensibilizar os alunos no sentido de se perceberem no texto.
- Resgatar memórias através da leitura literária
- Trabalhar a leitura (inclusive a leitura que os alunos fazem de si mesmos), a expressão oral e escrita.
- Abordar noções acerca da valorização das histórias de vida.
- Relacionar a própria vida à temática temporal e social presentes na crônica.

**Recursos:** impressão ou projeção do texto.

### **Desenvolvimento da atividade (sugestão)**

1. Após a leitura do texto, professor disponibilize o vídeo para a turma (texto 02). O vídeo é de fácil acesso no YouTube.

2. Terminada a leitura, seguida da apreciação em vídeo, estimule os alunos a conversarem no grupão sobre o que eles entenderam do que o autor retrata no texto. E se eles se identificam ou não com o narrador (eu-lirico) do texto.

3. É interessante, professor(a), que à medida que os alunos forem lendo o texto, já façam a reescrita de acordo com a norma padrão da língua.

4. Tempo pedagógico: de 3 a 4 aulas

### **Para discussão em sala de aula: Perguntas norteadoras**

1) O que você pensa sobre a afirmação inicial do texto:

*Pra mim o mundo é um relógio*

*E, e o dinheiro é a mola que controla os relógios dessa vida.*

2) Após fazer a leitura, reforçada pela narrativa em vídeo, façam comentários sobre o que o autor quis dizer com os versos abaixo.

*... toda a minha vida foi um grande desencontro*

*Entre o tempo do relógio e as oportunidades*

3) Qual o seu entendimento sobre o tempo? Ele é favorável a você? (Deixe os alunos falarem o que pensam sobre si mesmos e suas relações com o tempo)

4) Há um narrador que narra a sua própria história. Como você enxerga esse homem? Fale um pouco das impressões que ficou sobre ele.

5) O narrador tem um único filho que recebe o nome de Vitório que desempenharia para o pai o papel de vingador. Façam comentários sobre a ideia de vingador que o pai atribui ao filho.

Texto 01

### **Quem sou EU?**

Crônica de Luiz Fernando Veríssimo

NESTA ALTURA DA VIDA JÁ NÃO SEI MAIS QUEM  
SOU...

VEJAM SÓ QUE DILEMA!!!

Na ficha da loja sou CLIENTE, no restaurante FREGUÊS, quando alugo uma casa INQUILINO, na

condução PASSAGEIRO, nos correios REMETENTE, no supermercado CONSUMIDOR.

Para a Receita Federal CONTRIBUINTE, se vendo algo importado CONTRABANDISTA. Se revendo algo, sou MUAMBEIRO, se o carnê tá com o prazo vencido INADIMPLENTE, se não pago imposto SONEGADOR. Para votar ELEITOR, mas em comícios MASSA, em viagens TURISTA, na rua caminhando PEDESTRE, se sou atropelado ACIDENTADO, no hospital PACIENTE. Nos jornais viro VÍTIMA, se compro um livro LEITOR, se ouço rádio OUVINTE. Para o lobo ESPECTADOR, para apresentador de televisão TELESPECTADOR, no campo de futebol TORCEDOR.

Se sou corintiano, SOFREDOR. Agora, já virei GALERA. (se trabalho na ANATEL, sou COLABORADOR) e, quando morrer... uns dirão... FINADO, outros... DEFUNTO, para outros... EXTINTO para o povão... PRESUNTO... Em certos círculos espiritualistas serei... DESENCARNADO, evangélicos dirão que fui... ARREBATADO...

E o pior de tudo é que para todo governante sou apenas um IMBECIL !!! E pensar que um dia já fui mais EU.

Disponível em: <https://rafaelclodomiropress.com/2010/06/07/quem-sou-eu/>

## **Leitura e discussão a respeito da Crônica de Luiz Fernando Veríssimo: Quem sou EU?**

### **Objetivos:**

- Sensibilizar os alunos no sentido de se perceberem no texto.
- Estimular o debate sobre o papel que o cidadão desenvolve na sociedade.
- Apresentar aos alunos o gênero literário crônica.
- Trabalhar a expressão oral e escrita.

**Recursos:** impressão ou projeção do texto.

### **Desenvolvimento da atividade (sugestão)**

1. Após a leitura do texto, estimular os alunos a falarem de si.

### **Para discussão em sala de aula: Perguntas norteadoras**

1. Você acha a pergunta da crônica “Quem sou eu?”, fácil de ser respondida?
2. Afinal quem é você?

### **Produção textual**

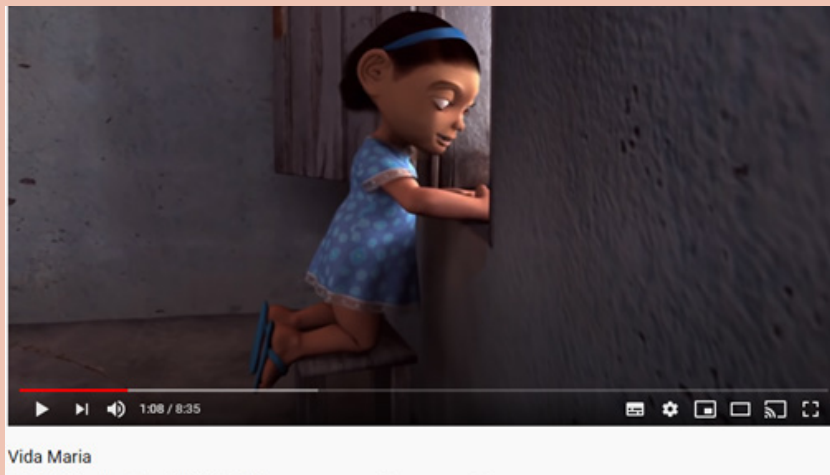
Sugestão de tema: Escreva em seu caderno um texto narrativo sobre a temática Quem sou eu?, com no mínimo 15 linhas e no máximo 30, contando um pouco de sua história de vida, suas experiências ou até mesmo o porquê de você estar estudando na EJA, levando em consideração os acontecimentos passados.

# ATIVIDADE 9

Assistir ao vídeo de apenas 9 minutos, um curta-metragem Vida Maria que conta a história de uma menina de 5 anos do Sertão Cearense. Sua história se parece com a de muitas outras crianças que, obrigadas a ajudarem seus pais na roça, abandonam os estudos. Por falta de oportunidade para estudar, um ciclo vicioso de analfabetismo perpassa de geração a geração na família da menina. Essa realidade, infelizmente, ainda é muito frequente, não só na roça.

## VÍDEO 01

**Vida Maria** – Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG\\_htum4&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4&feature=emb_logo)



## Objetivos:

- Interpretar e debater elementos que compõem a temática social abordada no filme.
- Identificar questões que apontam as consequências do analfabetismo.
- Reconhecer a importância do estudo
- Discutir sobre o papel da mulher no meio social.

Desenvolvimento da atividade (sugestão)

Orientações ao Professor:

No primeiro momento, você deverá exibir o filme uma primeira vez. Não é necessário um roteiro inicial para essa primeira exibição.

Após assistirem, pergunte à turma quais foram suas impressões iniciais. Por exemplo:

- Quais são os temas abordados?
- O que mais chamou a atenção?
- Você concorda com tudo que foi apresentado?

No segundo momento, exiba novamente o filme, desta vez a turma deve receber um roteiro de leitura do filme.

### **Roteiro de leitura do vídeo:**

Ao assistir ao vídeo estejam atentos a história e seus detalhes para responder as questões a seguir:

1. Onde se passa a história de “Vida Maria”? Que elementos do vídeo te ajudaram a descobrir isso?
2. Como o cinegrafista / diretor marca a passagem do tempo? Que recursos ou estratégias ele usa?
3. Compare o início do filme ao seu final. O que há de comum e o que há de diferente entre essas partes do curta?
4. O vídeo tem duração de 8 minutos e 35 segundos, mas quanto tempo se passa na vida das personagens?

No terceiro momento, forme um círculo, na sala de aula, e convide os alunos para exporem suas opiniões a respeito do que perceberam e anotaram após assistiram ao vídeo.

Além das questões do roteiro, seguem outras para o debate.

### **Para discussão em sala de aula: Perguntas norteadoras**

1. Que sentimentos o filme provoca?
2. O que pode representar a pequena Maria ser arrancada do seu caderninho e obrigada a trabalhar em casa?
3. A realidade exposta pelo filme é atual? Por quê?
4. Essa realidade poderia ser mudada? Como?
5. A pequena Maria se transforma na sua mãe, na sua avó, na sua bisavó, refletindo os mesmos comportamentos por gerações: nascer para ajudar na lida e nos afazeres domésticos, criar os filhos, sobreviver, trabalhar e morrer. Por que motivo o autor faz esse retrato da figura da mulher?
6. O que é ser analfabeto?
7. A realidade exposta pelo filme é atual? Por quê?
8. Quais os obstáculos a serem vencidos para que um (a) jovem possa ser protagonista de sua história?

# ATIVIDADE 10

Atividade de sensibilização

## MÚSICA 01

### A Lista

Oswaldo Montenegro

Faça uma lista de grandes amigos  
Quem você mais via há dez anos atrás  
Quantos você ainda vê todo dia  
Quantos você já não encontra mais  
Faça uma lista dos sonhos que tinha  
Quantos você desistiu de sonhar!  
Quantos amores jurados pra sempre  
Quantos você conseguiu preservar

Onde você ainda se reconhece  
Na foto passada ou no espelho de agora?  
Hoje é do jeito que achou que seria  
Quantos amigos você jogou fora?

Quantos mistérios que você sondava  
Quantos você conseguiu entender?

Quantos segredos que você guardava  
Hoje são bobos ninguém quer saber?

Quantas mentiras você condenava?  
Quantas você teve que cometer?  
Quantos defeitos sanados com o tempo  
Eram o melhor que havia em você?

Quantas canções que você não cantava  
Hoje assobia pra sobreviver?  
Quantas pessoas que você amava  
Hoje acredita que amam você?

## TEXTO 02

Leia o poema Retrato de  
Cecilia Meireles, em seguida  
assista ao vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=o2Ubvmdw6FI>



## RETRATO

Cecilia Meireles

Eu não tinha este rosto de hoje,  
Assim calmo, assim triste, assim magro,  
Nem estes olhos tão vazios,  
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
- Em que espelho ficou perdida  
A minha face?

## Objetivos:

- Relacionar a própria vida à temática temporal e social presente nos textos.
- Trabalhar a leitura, a expressão oral e a escrita.
- Tratar de questões sociais que influenciam nas histórias de vida das pessoas a partir da leitura dos textos propostos.

## Desenvolvimento da atividade (sugestão)

- Professor, no primeiro momento, faça um trabalho de sensibilidade, escutando junto com os alunos a música A lista, de Oswaldo Montenegro. Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiWXw65RWw0>
- Apresente a turma o poema Retrato de Cecilia Meireles, em seguida o vídeo que traz o mesmo texto.
- Estimule os alunos a exporem suas opiniões a respeito de suas impressões sobre dos textos explorados.
- No segundo momento, os convoque a produção textual.

## Para discussão em sala de aula: Perguntas norteadoras

1. Como dá para perceber os textos trazem em comum como temática: a fugacidade do tempo, e a existência humana. Com base nesse princípio, pergunta-se: De que forma você enxerga o tempo em sua vida?
2. Para você o que mudou mais com o tempo?
3. Quem ou o que você deixou perdido no tempo?
4. Quem ou o que você faz questão de guardar na memória?
5. Quantos segredos que você guardava, hoje são bobos ninguém quer saber?
6. Quantos defeitos sanados com o tempo eram o melhor que havia em você?
7. Quantas pessoas que você amava, hoje acredita que amam você?

## Produção Textual

Observa-se no poema Retrato de Cecilia Meireles que o eu lírico desenha a si mesmo, descrevendo as mudanças que ocorreram com o passar do tempo: mudanças físicas, psicológicas e de percepção. A autora compara quem ela era no passado e como ela se enxerga no presente. Com base nessas ideias escreva um texto, entre 15 e 30 linhas fazendo seu autorretrato.



Assista ao vídeo: **O tempo - Mário Quintana**

Acessar [https://www.youtube.com/watch?v=goUWkM\\_89TY](https://www.youtube.com/watch?v=goUWkM_89TY)

*“O nosso é um trabalho realizado com gente miúda, jovem ou adulto, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir.”*

Paulo Freire



# REFERÊNCIAS

- AMORIM, Rodrigo de Freitas. **A formação do trabalhador no PROEJA: Entre os laços e embaraços do discurso oficial e os diálogos PROEJA no IFG.** (Dissertação de mestrado) 2016
- BARROS, Rosanna. **Revisitando Knowles e Freire: Andragogia versus pedagogia, ou O dialógico como essência da mediação sociopedagógica.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44. 2018.
- CANDIDO, Antônio, 1918- **A literatura e a formação do homem In: Textos de intervenção; seleção apresentações e notas de Vinicius Dantas.** São Paulo: Duas cidades Ed.34, 2002. 392 p. ( Coleção Espírito Crítico)
- CERTEAU, Michel. **As artes de fazer a invenção do cotidiano.** Editora Vozes. 1998
- FÁVERO, Altair Alberto. TONIETO, Carina. **Professores e suas histórias de vida: o particular e o universal na formação docente.** REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 16, n. 1, Passo Fundo, p. 58-70, jan./jun. 2009]
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação,** Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação,** 2000
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar.** Olho d'água. 1997.
- GADOTTI, Moacy. **Educar para um outro mundo possível.** São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.
- LARROSA, Jorge. **Literatura, experiência e formação** (uma entrevista de Jorge Larrosa a Alfredo Veiga-Neto). In:

- COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 133-164.
- MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2005 (Mundo do Trabalho).
- MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de transformação**. In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 2000, p. 111-140.
- MONCADA, R. **El foro mundial de educación: espacio y proceso de diálogo y movibización internacional por el derecho a la educación**. Medellín, 2008. Mimeografado.
- MONTEIRO, Agostinho dos Reis. **O direito à educação**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- MOURA, Dante Henrique. **A Formação de Docentes para a Educação Profissional e Tecnológica**. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*. Ministério da educação. V.1, n.1. junh 2008
- MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional** – Coleção formação pedagógica; v. 3, 1ª edição. Curitiba, 2014
- NÓVOA, Antonio. **Professores Imagens do futuro presente**. Educa, Lisboa, 2009, p.38.
- PERRELLI, Maria Aparecida de Souza. REBOLO, Flavinês. TEIXEIRA, Leny Rodrigues Martins. NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço. **Percursos de um grupo de pesquisa formação: tensões e (re)construções**. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 94, n. 236, p. 275-298, jan./abr. 2013.
- RIBEIRO, Vera Masagão. **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico**. *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 68, Dezembro/99.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. 11.ed.rev.— Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014



**ERIVONALDO  
Nunes de Oliveira**

Professor Mestre em  
História Social. Atua tanto  
na Rede Estadual quanto na  
Municipal. É professor da EJA.



**OLIVIA  
Moreira Pereira**  
Advogada



**LUCILENE  
Roberto Alves**

Professora de Filosofia da  
Rede Estadual

**ANTÔNIA RAISSA  
de Oliveira Soares**  
Graduanda em Direito.





**MICHAEL  
Wilkens da Cruz  
Gonçalves**

Professor de Matemática da  
Rede Estadual



**FRANCISCA  
Alves Filha**

Dona de casa



**ERIVONEIDE  
Nunes de Oliveira**  
Encarregada de produção



**MARIA ALVES  
dos Santos Pereira**  
Estudante da EJA

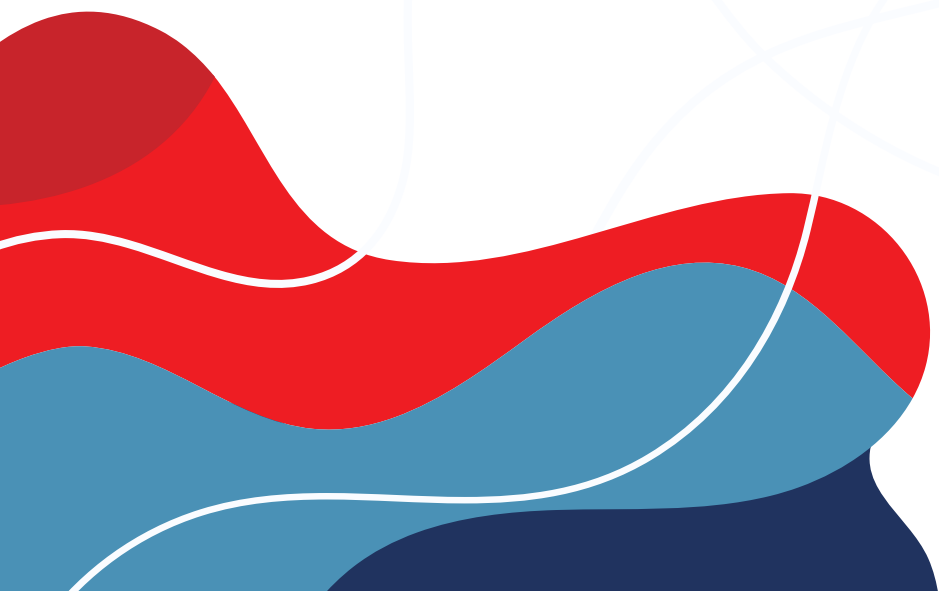


**FÁBIO  
dos Santos Pereira**  
Finalista da EJA



# ProEJA

**ESCOLA NA VIDA ADULTA**  
**ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS**



## AUTORA



### **ERISMAR Nunes de Oliveira**

Mestra em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM. Pós-Graduada em Educação do Ensino Superior: Fundamentos e Práticas Educativas. Licenciada em Letras – Língua Portuguesa - pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. É professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, – Campus Presidente Figueiredo.

## COAUTORA



### **MARIA LÚCIA Tinoco Pacheco**

Doutora em Sociedade e Cultura da Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, na área de Linguagem e Representações. Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, na área de Linguagem e Representações pela mesma universidade. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas. É professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, dos cursos de graduação e do mestrado Profissional em Ensino Tecnológico (MPET)